

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

VI PEREIRA DE SOUZA

Perspectivas psicanalíticas sobre saúde mental na graduação e a exploração de identidades  
fora dos binarismos de gênero.

SÃO CARLOS – SP

2024

VI PEREIRA DE SOUZA

**Perspectivas psicanalíticas sobre saúde mental e a exploração de identidades fora dos binarismos de gênero em estudantes de graduação.**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (DPsi/UFSCar), como parte das exigências para a obtenção do título de Graduação em Psicologia.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Taís Bleicher

Assinatura Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Taís Bleicher

**SÃO CARLOS – SP**

**2024**

## AGRADECIMENTOS

A escrita dessa monografia foi inegavelmente o maior projeto que já fiz em minha vida até o momento, tanto em importância como em magnanimidade, e, certamente, foi também um dos mais intensos, em todos os seus aspectos positivos e negativos. Venho desde o segundo semestre de 2021 tentando concretizá-la, nas diversas iterações pela qual já passou — se é que, em uma espécie de Navio de Teseu, posso pensar como o mesmo projeto. Partindo de uma ideia inicial de Iniciação Científica, concebida a partir das disciplinas de Prática em Pesquisa 3 e 4, que evoluiu e se transformou um bocado, e posteriormente, em 2022, virou minha monografia, passando por mais uma infinidade de transformações durante esses dois anos de idealização e realização... Certamente, foi uma jornada e tanto, que verdadeiramente só foi possível pela participação de diversas pessoas, direta ou indiretamente, e gostaria de dedicar um agradecimento especial a cada uma delas, por ter possibilitado isso que tantas vezes pareceu impossível.

Em primeiro lugar, um pouco clichê, gostaria de agradecer a minha família. Minha avó, minhas tias e tios, meus primos, meu pai, mas, em especial, minha mãe e meu irmão, com quem moro, por todo o suporte emocional, financeiro e por acreditarem em mim, mesmo que nem sempre tenham entendido minhas razões e meus interesses. Sei que ao longo desse processo nem sempre fui a pessoa mais fácil de conviver e entender, mas amo-os muito e não digo isso o suficiente. Espero que um dia tudo isso faça tanto sentido para vocês quanto faz para mim (embora nem mesmo eu compreenda ainda todas as dimensões desse projeto e dessa minha identidade).

Agradeço, especialmente, a Luana e Atlas, minhas metadinhas queridas da Psicologia, com quem eu mais convivo no cotidiano da faculdade, que me toleraram, alegraram, incentivaram quando eu estava desmotivada, abriram um caminho para eu conseguir explorar quem eu sou hoje com segurança e, conseqüentemente, terminar esse projeto. Amo vocês com todo o meu coração e agradeço todos os dias por ter pessoas tão incríveis ao meu lado me apoiando.

Reservo aqui um espaço para agradecer também Rafa Amaral e os meus tão queridos grupos de amigos, Microbiologia (Bua, Game, Julha, Louis, Mat, Nat, Zanatuxo, Tom e Viniboy), por todos os rolezinhos e jogatinas (saudades de um Geoguessr com vocês); Família Benjamin (Eduardo, Premium, Gui e Luana), por todas as sextas com Xicoteland Yard e papos introspectivos fumando na sacada de madrugada (saudades, menos de fumar...); e Queerteto Fantástico (Atlas, Cassandra, Pauly e Chowd), pelas festinhas tão incríveis que

passamos, e todos os outros amigos que me acompanharam durante esses dois anos, alguns mais recentes e outros mais antigos, provendo os essenciais momentos de descanso e descontração.

Agradeço muito, também, aos professores do Departamento de Psicologia (DPsi), em especial, os de Psicanálise, Georgina, Cris, Léo, Eduardo, por terem cultivado meu interesse e tornado isso tudo possível, com o amparo teórico acadêmico para concluir essa pesquisa, mas, também, Sabrina e Rachel, por serem figuras incríveis de muita inspiração, que admiro muito e que impactaram muito a minha trajetória no curso, mesmo que sejam de outras áreas. Reservo um espaço especial para minha querida orientadora, Taís, que me aturou durante esses dois anos, estendeu prazos e acreditou em mim durante todo esse processo. Sei que não fui a orientanda mais exemplar que poderia ter sido, mas sou verdadeiramente muito grata por todas as oportunidades, e fico muito lisonjeada de ter tido você como orientadora. Agradeço também ao professor Eduardo, que me ajudou nas revisões e na formulação do projeto, indicando leituras, corrigindo e sugerindo aspectos a serem alterados.

Quero também dedicar um agradecimento muito especial à Cassandra, por ter auxiliado com a condução das entrevistas, e mais uma vez ao Atlas, por ter topado esse mesmo desafio, mesmo que no fim não tenha rolado. Não sei se teria tido a força para enfrentar essas entrevistas, não fosse a prontidão de vocês em se disporem a ajudar. Gostaria de agradecer também a Jhu, pela inspiração na construção de partes do roteiro e do TCLE. Sem brincadeira, sua pesquisa foi um marco em explorar a minha identidade e refletir sobre aspectos que não tinha tanta consciência, e não acho que essa monografia teria a mesma profundidade sem isso.

Da mesma maneira, gostaria muito de agradecer ao Natan, por ter aberto a porta que abriu tantas portas na minha vida, pela linda trajetória que construiu enquanto esteve aqui e por todas as doces flores de ipê que deixou e deixará pelo caminho da Área Sul, colorindo a cada inverno esse chão tão cinza. Sinto saudades de você, querido, mas te levo sempre comigo onde for.

Por último, gostaria de agradecer à pessoa mais importante nessa reta final da monografia, meu porto seguro de estabilidade nessas últimas semanas, meu amor, Heli. Posso parecer emocionada, e até me dou a licença poética para ser, mas me apaixono a cada dia por você, e nesse tempo, verdadeiramente esqueci como era a vida sem ter você ao lado.

## NOTA ADICIONAL – 17/9/2025

Embora esta monografia tenha sido finalizada em janeiro de 2024 e defendida no mês seguinte, é somente agora, ao final de 2025 (mais de 20 meses depois), que está sendo depositada no Repositório Institucional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Em parte, isso se deve a um erro estúpido que cometi durante o período de inscrição nas disciplinas do Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA) para o primeiro semestre de 2023: esqueci de efetuar a inscrição em uma das duas disciplinas semestrais destinadas à monografia, e o processo de depósito foi impossibilitado até que computasse os créditos faltantes no sistema. Assim, no primeiro semestre de 2024, embora já tivesse finalizado a monografia, inscrevi-me e “cursei” essa disciplina fantasma, enquanto minha orientadora saía de licença para o pós-doutorado.

Isso possibilitou o meu segundo e maior erro, pois, por mais que a monografia pudesse ser depositada na sua ausência pelo vice-coordenador do Departamento de Psicologia, assim que a disciplina faltante fosse computada, pedi a ela que, antes de oficializar o depósito, gostaria de fazer algumas revisões e últimas alterações no texto, o que ela gentilmente aceitou. Como habitual na vida acadêmica e criativa, esse foi mais um exemplo das armadilhas sutis do perfeccionismo que nos colocam a girar em parafuso, e procrastinei a tarefa durante esse tempo, privilegiando outras mais urgentes e importantes que apareciam, e evitando a separação desse objeto textual idealizado que foi tão importante para o meu desenvolvimento como pesquisadora, ao qual dediquei tanta energia nesses dois ou três (ou vinte e dois anos). Mais especificamente nesses últimos 12 meses, também evitei relê-lo, temendo macular a memória que possuía do texto, e sabendo que há coisas que escrevi e não concordo mais, ou que certamente poderia aprimorar com meu aprendizado mais recente.

Contudo, sabendo que amar é deixar ir, mas também sob a pressão de efetuar o depósito, com o fim da graduação se aproximando, decidi que faria mais sentido deixar essa monografia como um retrato de minha trajetória e meus interesses à época<sup>1</sup>, fazendo apenas algumas alterações sutis, como substituir nomes mortos, meu e de meus colegas que também passaram a utilizar nome social no meio tempo, e incluindo esse pequeno adendo a quem se interessar. E no processo, também reconheci a beleza do que escrevi, aceitando as pequenas

---

<sup>1</sup> Há partes aqui que estão exatamente como foram escritas em 2022, profundamente marcadas tanto pela minha ingenuidade quanto pelo *zeitgeist* da época, hoje tão distinto, que me causam um pouco de asco. Mas é necessário que tenhamos um olhar de carinho e acolhimento para essas questões, compreendendo as mudanças transcorridas sem desejar o extermínio de quem éramos então.

imperfeições e idiossincrasias como fazíamos com as fotos analógicas há nem tanto tempo atrás, sem submetê-las ao escrutínio obsessivo das fotos digitais de hoje.

Nesses 20 meses, publiquei, com Taís e Cassandra, um artigo reunindo os principais resultados da pesquisa, chamado *Saúde mental e vivências fora dos binarismos de gênero entre jovens estudantes de graduação* (Souza, Bleicher e Diniz, 2024). Lá, pude expandir um pouco a introdução e a revisão bibliográfica com novas referências e discussões, e também aprimorar minha argumentação com os pareceres da revista, mas precisei omitir alguns dos resultados obtidos e condensar muitos dos relatos em paráfrases, pela falta de espaço. Também tive a oportunidade de apresentar trabalhos derivados dela em dois congressos, e expandir a discussão política relacionada às ações afirmativas destinadas às pessoas trans, a falta de atenção à permanência e o uso dessas pautas como pretexto para cortes orçamentários e desvalorização do ensino superior público, com seus impactos para a saúde mental de toda a comunidade universitária, que havia tratado incipientemente aqui.

Ainda tenho pretensões de escrever mais um ou dois artigos a respeito dessa pesquisa, expandindo as reflexões postas aqui com novos desenvolvimentos, mas eles ficarão, por enquanto, para a posteridade. A quem lê, agradeço muito pela atenção, e espero que o texto lhe seja cativante.

## RESUMO

Tomando a Psicanálise como um interessante método de investigação da subjetividade, o presente estudo almejou compreender, além dos percursos na instituição e uso de políticas afirmativas, certas dimensões da exploração de identidades que fogem a noções pré-estabelecidas de gênero por estudantes de graduação. Fez-se uso de entrevistas narrativas com o método da associação livre para acessar conteúdos inconscientes, utilizando referencial kleiniano e winnicottiano sobre as relações objetais e a maneira como se relacionam à autocompreensão do indivíduo e de sua identidade. O estudo tomou enfoque em estudantes de graduação, considerando que possuem alta vulnerabilidade psicossocial para o adoecimento psíquico, especialmente se pertencentes a minorias sociais, e também por representarem parcela significativa da população não-binária. Os resultados apontaram as universidades públicas como ambientes seguros para a exploração de identidades fora dos binarismos de gênero pelos participantes, se comparado aos demais, confirmando a hipótese geral da pesquisa. O encontro de uma comunidade favoreceu muito o estabelecimento de melhores relações com a própria identidade, reduzindo ansiedades internalizadas e permitindo maior segurança na própria identificação. Foram relatados episódios negativos envolvendo o uso do nome social, mas, em geral, os participantes se sentiram contemplados pelas políticas inclusivas que utilizavam. Mostra-se necessária a conscientização e a capacitação dos professores, principais envolvidos nas experiências negativas, assim como a importância de canais de denúncias institucionais efetivos contra discriminações.

**Palavras-chave:** Saúde mental, não-binário, gênero, estudantes de graduação, universidade, psicanálise, associação livre.

## ABSTRACT

Taking Psychoanalysis as a valuable method for investigating subjectivity, the present study aimed to comprehend, beyond their trajectories within the institution and the use of affirmative policies, certain aspects of the exploring of identities that stray from pre-established notions of gender among undergraduate students. Free-associative narrative interviews were conducted to access unconscious content, drawing on Kleinian and Winnicottian frameworks regarding object relations and their connection to the individual's self-understanding and identity formation. The study focused on undergraduate students, considering their high psychosocial vulnerability to mental illness, particularly among those belonging to social minorities, as well as their significant representation within the non-binary population. The results pointed to public universities as comparatively safer spaces for the exploration of gender-diverse identities, confirming the general hypothesis of the research. The found community strongly supported the development of healthier relationships with their own identity, reducing internalized anxieties and fostering greater security in one's self-identification. Although negative episodes involving the use of chosen names were reported, participants generally felt supported by the inclusive policies they accessed. The findings highlight the need for greater awareness and training among professors, identified as the main agents in negative experiences, as well as the importance of effective institutional reporting channels against discrimination.

**Keywords:** Mental health, non-binary, gender, graduation students, university, psychoanalysis, free association.

## LISTA DE SIGLAS

APA – *American Psychology Association*

DSM – *Diagnostics and Statistics Manual of Mental Disorders*

FANI – *Free Association Narrative Interview*

IES – Instituições de Ensino Superior

PCD – Pessoa Com Deficiência

PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

USP – Universidade de São Paulo

TNB – Transgênero e Não-Binário

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	12
1.1	Motivação .....	12
1.2	Problematização.....	13
1.2.1	Sexo vs gênero.....	14
1.2.2	Freud e a anatomia como destino .....	15
1.2.3	Lacan e o simbólico .....	15
1.2.4	Resistências, transferências e contratransferências .....	16
1.2.5	Novas perspectivas de atuação .....	18
1.2.6	Juventudes LGBTQIAPN+, instituições de ensino superior e vulnerabilidade psíquica .....	20
1.2.7	O guarda-chuva da não-binariedade e as suas multitudes.....	20
1.2.8	Uma visão positiva .....	22
1.3	Justificativa social e política.....	22
1.4	Justificativa científica .....	23
2	OBJETIVOS .....	24
2.1	Objetivos gerais .....	24
2.2	Objetivos específicos .....	24
3	METODOLOGIA .....	24
3.1	Tema .....	24
3.2	Delimitação do tema.....	24
3.3	Problemas .....	24
3.4	Hipóteses .....	25
3.5	Desenho geral da pesquisa.....	25
3.6	Participantes .....	26
3.7	Instrumentos de investigação.....	27
3.7.1	Formulário feito na plataforma Google Forms .....	27

3.7.2	Entrevistas narrativas individuais psicanaliticamente informadas.....	28
3.8	Procedimentos .....	29
3.9	Procedimentos éticos .....	30
3.10	Análise de dados.....	30
4	RESULTADOS .....	34
4.1	Primeira etapa.....	34
4.2	Segunda Etapa .....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	52
	REFERÊNCIAS .....	54

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Motivação

Durante toda minha vida, tive minha masculinidade questionada por diversos colegas, amigos e parentes, devido à minha inadequação em seguir alguns dos padrões socialmente estabelecidos para meninos. Meu processo de autoconhecimento foi um tanto truncado: embora tivesse recém cursado o ensino fundamental II em uma escola muito aberta às questões LGBTQIAPN+, se comparada às outras escolas em que estudei anteriormente, tive, inicialmente, um bloqueio em compreender esses aspectos de minha existência, especialmente por conta do bullying sofrido e da cisheteronormatividade aprendida ao longo de minha infância. Não exatamente julgava como negativos esses aspectos em mim, mas também não conseguia compreendê-los tal pelo que eram, apenas vivia sem refletir muito a respeito, reproduzindo a mesma postura de meus pais.

Ainda na adolescência, eventualmente consegui, após um período de desconstrução que se iniciou com a descoberta de minha bissexualidade, reconhecer e conciliar em mim a existência de alguns aspectos tipicamente femininos, outros ao menos não-masculinos, sem me invalidar como menino por isso. Dentro de algum tempo, no entanto, a vontade de explorar mais possibilidades dentro desses aspectos começou a transparecer aos poucos, embora ainda a negasse.

A decisão de verdadeiramente embarcar nesse caminho de descoberta e construção veio só em meu segundo ano de faculdade, após a transição de um colega de turma, quando percebi um bloqueio inconsciente generalizado em me relacionar e, inclusive, em interagir com conteúdos feitos por pessoas que estivessem fora das caixinhas binárias de gênero, quase que como uma forma de preservar intacto o último fiozinho frágil que ainda me ancorava ao masculino. Decidi tomar um passo ativo para cortá-lo e navegar pelo desconhecido. Mergulhando no mundo *queer*, comecei a ver muita coisa que fazia sentido para mim, e cada vez mais parecia errado manter-me presa a esses binarismos.

Dessa forma, motivado principalmente pelo gozo nessa nova maneira de me enxergar, além das mazelas da opressão patriarcal em minha vida e de um sentimento de desgosto frente aos privilégios que me foram oferecidos pela masculinidade, decidi renunciar a esse posto e começar a construir uma nova identidade sem rótulos e regras em que eu me sentisse confortável, baseada puramente em minhas próprias experiências e nelas somente, tentando

romper com os aspectos masculinos negativos que ainda restavam e ressignificar aqueles que foram formativos à minha vivência para adequá-los, se necessário, a esse novo jeito de ser.

Esse processo tem sido extremamente libertador em muitos aspectos e muito desafiador em outros, especialmente por conta da dificuldade de ainda estar inserido em um mundo binarista e cisheteronormativo. Sei que mais pessoas passam por situações semelhantes, então decidi fazer esse trabalho de maneira a dar voz para suas experiências, especialmente voltadas a esse momento crítico formativo que é a entrada no ensino superior.

Infelizmente, em agosto de 2022, aquele mesmo colega de turma, Natan Fiorentino de Campos, se tornou vítima prematura do (cis)tema cruel que somos submetidos diariamente. Um então colega de turma, agora já grande amigo, que tanto inspirou minha jornada de descoberta, com quem tive a honra de conviver, e para quem, em retrospecto, nunca contei a importância que teve em minha jornada, inclusive no meu interesse por estudar gênero.

Hoje, vejo que nunca mais poderei fazer isso. Levo comigo, no entanto, sua memória e seu legado enquanto eu caminhar, homenageando seu nome sempre em minha trajetória acadêmica e profissional, especialmente em vista do “algo” que prometemos fazer juntos futuramente, mas que se perdeu na transitoriedade da vida. Espero fazer justiça à pessoa incrível que ele era e que poderia ter continuado a ser, e também que, com sua memória, possamos caminhar conjuntamente para um mundo melhor, em que mais Natans possam viver tranquilamente.

## **1.2 Problematização**

Inegavelmente, o século XX revolucionou a maneira como compreendemos gênero no mundo ocidental, promovendo diversos avanços nos modos de viver e de se expressar. Isso se deveu, em muito, à produção teórica e organização política questionando a hegemonia do patriarcado cisheteronormativo, distribuída ao longo de toda sua duração. Temos como exemplos notáveis o nascimento da Psicanálise, com a publicação de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2016), e seus questionamentos e subversões da norma social nos campos do desejo e da sexualidade promovidos com os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2006); o crescimento do movimento feminista na luta pelo sufrágio e a publicação de *O Segundo Sexo* (Beauvoir, 1949/2012), com a desconstrução da ideia de inferioridade feminina natural; as manifestações estudantis de 1968 na França (Martins, 2019); a Revolta de Stonewall, em 1969; a leitura de Michel Foucault sobre a normatização da sexualidade iniciada no primeiro volume de *História da Sexualidade* (1976/2017) e a

publicação de *Problema de Gênero* por Judith Butler (1990/2003), dando início ao que, posteriormente, chamar-se-ia de Teoria *Queer*, com a ideia de performatização do gênero.

Ainda que tenha atuado importante papel nessa revolução, sendo uma teoria de alta visibilidade, a Psicanálise foi alvo de constante interlocução e crítica na edificação de grande parte das teorias e estudos subsequentes sobre gênero, especialmente direcionadas a noções tidas problemáticas, como a construção das identidades femininas a partir da falta e à patologização de subjetivações dissidentes à cisheteronorma (Butler, 1990/2003, 2004; Arán; Peixoto Júnior, 2007; Ayouch, 2015; Porchat, 2018; De Garay, 2019; Martins, 2019; Preciado, 2020).

### 1.2.1 Sexo vs gênero

Para compreender parte das críticas que a Psicanálise recebeu, especialmente as mais relevantes para o presente estudo, faz-se necessário problematizar a diferença entre gênero e sexo. Embora relativamente intercambiáveis no senso comum, devido à institucionalização da cisheteronorma, sexo diria respeito às características biológicas genéticas e fenotípicas do indivíduo, enquanto gênero, às construções e representações socioculturais erguidas sobre essas diferenças fenotípicas.

Esse modelo, entretanto, tem sofrido questionamentos até mesmo dentro das ciências biológicas, demonstrando as limitações do sexo bimodal que aprendemos, tanto devidos à luta pela despatologização de pessoas intersexo e a problematização das cirurgias corretivas nelas feitas durante a infância (Ainsworth, 2015), como pela frequência relativamente alta de pessoas com alterações no desenvolvimento sexual, que podem, inclusive, desconhecê-las durante uma vida inteira, vivendo e até procriando normalmente (*Ibid.*). Por parte da Filosofia e das Ciências Humanas, todavia, há também um questionamento quanto à utilização ideológica de uma suposta “naturalidade binária” do sexo para legitimar cientificamente e justificar as imposições normativas do patriarcado (Butler, 1990/2003, 2004; Preciado, 2020).

É inegável que exista uma determinação sexual biológica dos indivíduos, mas a investigação dessa determinação e a importância dada a ela parece calcada em vieses prévios sobre a dicotomia homem-mulher, assujeitando a ciência feita ao discurso dominante patriarcal, que não apenas rege, desde antes do próprio nascimento, a vida daqueles que investigam, como, ativamente, beneficia-se da confirmação dessa perspectiva (Butler, 1990/2003). Assim, qualquer investigação que questione essa visão é, em resposta, denominada ideológica, desviando os holofotes das falhas e rachaduras nos pilares que a

sustentam para proteger intacto um *status quo* de conforto na ordenação simplória e supostamente “apolítica” de eventos multifatoriais e complexos.

### **1.2.2 Freud e a anatomia como destino**

Ao longo da formulação da teoria psicanalítica, Freud baseou-se no cientificismo de seus contemporâneos para credibilizar e trazer um caráter similarmente científico a seus conceitos (Fulgencio, 2006). Isso se evidencia no apoio em um discurso do caráter sexual anatômico e binário da identidade para fundamentar a primazia do falo (Freud, 1905/2006, 1924/2011; Arán; Peixoto Júnior, 2007), sobre o qual teria sido erigida a representação simbólica do poder (Costa; Bonfim, 2014), e que, embora intimamente relacionado ao órgão masculino, designaria um pênis “enquanto faltoso, ou suscetível de vir faltar” (André, 1998 *apud* Costa; Bonfim, 2014).

A ideia do Complexo de Castração, que concretizaria o reconhecimento da diferença sexual na psique infantil pelo poder do falo na interdição do investimento narcísico na mãe (Freud, 1905/2006, 1925/2011; Álvarez, 2010), descreve dois possíveis efeitos e estruturas resultantes: no menino, em que há presença do falo, manifestar-se-ia na angústia de ser castrado como uma resposta paterna a suas atividades sexuais, impedindo sua realização (Freud, 1905/2006, 1924/2011; Arán; Peixoto Júnior, 2007); na menina, entretanto, a castração já teria sido efetivada pela ausência do pênis, de modo que, ao ser interditada, culparia a mãe por ter sido criada dessa maneira (Costa; Bonfim, 2014) e buscaria, então, negar, compensar ou reparar essa falta (Freud, 1905/2006, 1925/2011; Arán; Peixoto Júnior, 2007), transformando o pai em seu objeto libidinal como a figura que poderia dar-lhe um filho, substituto simbólico do falo (Freud, 1925/2011; Costa; Bonfim, 2014). Dessa maneira, ao ser castrada em seu desejo, a criança abandonaria o objeto libidinal incestuoso materno, transformando seu desejo por ele na subjetivação da identidade ao espelhar-se nas figuras parentais respectivas a seu sexo (Freud, 1905/2006, 1924/2011).

### **1.2.3 Lacan e o simbólico**

Ao compreender como simbólica toda a estrutura edípica e o falo (Lacan, 1958/1999; Arán; Peixoto Júnior, 2007; Martins, 2019), Lacan reduz o caráter anatômico a um mero suporte imaginário para a compreensão da criança sobre os efeitos da lei e quem a detém (Lacan, 1958/1999), possibilitando, assim, a migração da discussão do domínio da sexualidade, biológica, para o do gênero, construto (Martins, 2019).

O psicanalista francês divide o Édipo em três períodos: no primeiro, a criança buscaria tornar-se o falo para ser o objeto único de desejo de sua mãe (Lacan, 1958/1999); no segundo, a interdição do incesto se daria pela aparição de um “pai simbólico”, ou seja, a demonstração à criança que ela não é o único objeto de desejo de sua mãe pela presença de outros elementos aos quais sua atenção é dividida (*Ibid.*). Como colocado por Martins (2019), seria “precisamente o ir e vir da mãe que permite à criança a simbolização da alteridade, de modo que a mãe não deve ser completamente idêntica à criança” (p. 224-225), assim, separando-a da posição fálica (Lacan, 1958/1999); no terceiro tempo, a chegada do pai real, o verdadeiro portador do falo, que teria o poder de castrar a criança, concretizaria a interdição do incesto ao ser o objeto preferido da mãe. Ao menino, ele possibilitaria também, no entanto, sua identificação a partir da doação, isto é, da oportunidade de ser mais tarde o possuidor do falo, espelhando-se na figura anterior (Lacan, 1958/1999; Martins, 2019), enquanto à menina, seria ensinado o caminho que deverá seguir para ter o falo (Chemama, 1993 *apud* Arán; Peixoto Júnior, 2007).

Embora Lacan tenha possibilitado essa migração do domínio da sexualidade para o do gênero, ainda assim se demonstra uma nítida ortodoxia teórica em somente normalizar formas de subjetivação que estejam adstritas à cisheteronorma (Arán; Peixoto Júnior, 2007; Porchat; Ofsiany, 2020). Mais recentemente, entretanto, em concordância com o movimento dentro da Filosofia e das Ciências Humanas, teóricos contemporâneos da Psicanálise têm realizado questionamentos a essas teorias, inspirando-se em suas inovações e utilizando da própria episteme psicanalítica anteriormente desenvolvida para fundamentá-los.

#### **1.2.4 Resistências, transferências e contratransferências**

De acordo com Arán e Peixoto Júnior (2007, p. 131), “a tradição psicanalítica, insistindo em ignorar questões como a multiplicidade da diferença, a singularidade e as contingências sociohistóricas da subjetivação, acaba perdendo grande parte do seu potencial subversivo de questionamento”, e, ao fazer isso, como colocado por Ayouch (2015, p. 24), torna-se até “anti-psicanalítica”, produzindo “uma resistência a si mesma e ao seu exterior”.

Essa resistência naturalmente se traduz em questões contratransferenciais do analista ou pesquisador em relação à sua apresentação e ao conteúdo trazido pelos pacientes e participantes, (Ayouch, 2015; Bulamah; Kupermann, 2016; Hansbury, 2017; Losty; O’Connor, 2018; Porchat; Santos, 2021), situação especialmente agravada quando se trata de analistas e pesquisadores cisgênero.

Em seu estudo, Bulamah e Kupermann (2016) reuniram mais de 30 anos de relatos de casos de análise com pessoas trans, demonstrando diversas manifestações desse fenômeno contratransferencial em diferentes profissionais, a maioria deles cisgênero, em relação à maneira como analisavam as questões de gênero de seus pacientes. É notável a prevalência de padrões desmoralizantes do discurso dos pacientes entre os diversos psicanalistas, muitas vezes em contraste a relativos avanços contemporâneos ao caso, como a desclassificação da transexualidade como condição patológica em favor do diagnóstico de disforia de gênero, presente a partir da terceira edição do Manual Estatístico-Diagnóstico de Transtornos Mentais (DSM).

Hansbury (2017) supõe que a conduta patologizante adotada por esses psicanalistas se deva, ao menos em parte, ao precedente dado pela postura de Freud na análise do primeiro caso de alta relevância na literatura psicanalítica que se aproxima à compreensão atual da transgeneridade: o caso Schreber. Muito embora estivesse apenas analisando um autorrelato presente em um livro, escrito por uma pessoa que nunca tenha conhecido pessoalmente, Freud preconizou como sua tarefa inevitável elucidar a etiologia do desejo de Schreber pelo *gênero* oposto — escrita de Hansbury —, e que, caso falhasse, “seria deixado na ‘posição absurda’ de ‘um homem segurando uma peneira sob um bode enquanto outra pessoa o ordenha’ (Freud, 1911 *apud Ibid.*), eventualmente encontrando uma explicação da paranoia delirante de Schreber em uma suposta explosão de libido homossexual. Hansbury observa que, assim como Freud, os analistas posteriores por vezes evitavam desassociar o desejo pela experiência do gênero oposto dos pacientes transgênero da condição material e supostamente imutável de seu sexo, tomando-o como um outro tipo de desejo homossexual.

Como colocado por Butler (2004), é quase como se na Psicanálise, assim como no estruturalismo, o estatuto simbólico da diferença sexual, instituído pelas relações de parentesco, obtivesse seu poder inquestionável na própria repetição insistente de sua importância e incontestabilidade, de maneira dogmática.

Curiosamente, uma consequência da disseminação dessa visão são efeitos transferenciais na relação terapêutica em que o próprio paciente/participante responde conforme o que acredita serem as expectativas do analista/pesquisador frente a seu discurso (Thorn, 2022), seja em vista de conseguir acesso a direitos básicos em um sistema que só compreende e valida as vivências trans em conformidade a um seletivo conjunto de experiências esperadas, que denotariam, por exemplo, um “nascimento no corpo errado” (Butler, 2004) ou por achar que o terapeuta não iria entender, conforme observado e exemplificado por Hansbury em seu paciente prototípico Lucas (2011).

Mesmo com todas essas problemáticas, ainda assim a psicanálise pode se constituir como um interessante meio para se estudar a formação dessas identidades, considerando a importância conferida nessa teoria ao desejo, à subjetividade e à subjetivação do mundo, especialmente ao tomar um referencial teórico *queer* e um cuidado especial no manejo da transferência e da contratransferência (Arán; Peixoto Júnior, 2007; Hansbury, 2011; Bulamah; Kupermann, 2016; Losty; O'Connor, 2018; Porchat, 2018; De Garay, 2019; Porchat; Santos, 2021).

### **1.2.5 Novas perspectivas de atuação**

Considerando essa perspectiva, esses mesmos movimentos vêm também identificando e produzindo novas possibilidades em ouvir, acolher e compreender essas diferentes formas de subjetivação, dentro de sua própria fundamentação metodológica e epistemológica (Hansbury, 2005, 2011; Arán; Peixoto Júnior, 2007; Porchat, 2018; Porchat; Ofsiany, 2020; Porchat; Santos, 2021).

Nesse aspecto, destacam-se principalmente as contribuições de Griffin Hansbury, enquanto homem trans e psicanalista clínico, em descrever possibilidades e particularidades do processo de análise em uma díade trans-trans, em contraste àquelas presentes em díades cis-trans (Hansbury, 2011), assim como em explorar, dentro da teoria psicanalítica, o luto presente na transição de gênero (*Id.*, 2005) e as raízes da transfobia em questões contratransferenciais de natureza psicótica (*Id.*, 2017), com origens em experiências próximas ao conceito de “agonias impensáveis” de Winnicott (1974).

A clínica de Hansbury em geral parece fugir aos desfechos edípicos e fórmulas de sexuação de Freud e Lacan, embora as interpretações dos conflitos edípicos sigam presentes e importantes em sua prática, sendo utilizadas de maneira mais específica, de acordo com seu referencial teórico, na compreensão das relações objetais do paciente e suas implicações transferenciais e subjetivas, na construção de seu ego (Hansbury, 2005, 2011) e *self* (*Id.*, 2011).

Evidentemente, mesmo com seus desenvolvimentos, a maioria dos autores que fundamentam essas outras perspectivas compartilhavam parte significativa das visões problemáticas anteriormente apontadas. A título de exemplificação, embora Klein admitisse a existência de uma fase feminina no começo da infância, presente em ambos os sexos (Klein, 1928/1984a, 1945/1984a), a coexistência normal de estados edípicos positivos e invertidos — isto é, respectivamente, hétero e homo afetivos ou sexuais — e o trânsito entre eles na relação com ambas as figuras parentais (*Id.*, 1937/1984a, 1945/1984a), ainda assim permanecia uma

prescrição de predominância das relações edípicas positivas sobre as invertidas para um desfecho edípico saudável, assim como a prevalência da introjeção do seio e do pênis como objetos bons (*Id.*, 1948/1984b), reiterando mais uma vez a cisheteronorma. Winnicott, por outro lado, teve certo pioneirismo em buscar, de fato, escutar as dissidências de gênero de seus pacientes sem procurar apagá-las ou corrigi-las, optando por aceitar as dissonâncias contratransferenciais — chamadas por ele de “insanidade” (*madness*) — em seu próprio pensamento, enquanto analista, frente ao discurso aparentemente contraditório de seus pacientes, como, por exemplo, ao escutar como vindas de uma pequena garota as questões de um paciente homem adulto, abrindo espaço para que ele pudesse compreender as dimensões de suas identificações femininas sem que se sentisse julgado (Harris, 2016). Ainda assim, embora reconhecesse a importância da bissexualidade psíquica, o autor segue trabalhando a masculinidade e a feminilidade como aspectos profundamente cindidos, e gendrifica aspectos da vivência infantil, atribuindo um caráter feminino à conexão entre mãe-bebê e um caráter masculino à exploração do bebê na complexificação de suas relações objetais (Harris, 2016).

Seria anacrônico buscar que autores do século passado compreendessem o gênero da mesma maneira como compreendemos hoje. Não obstante, mesmo com aspectos problemáticos, os desenvolvimentos realizados por essas teorias fornecem ferramentas para compreender aspectos importantes na construção do sujeito e de sua subjetividade, a partir da investigação de processos ambientais, relacionais e internos e sua atuação nas associações e transferências desenvolvidas dentro do *setting* terapêutico ou de pesquisa (Klein, 1955/1984b; Winnicott, 1960/1983; Bronstein, 1997; Young, 1997).

Atuações informadas como essa seguem incipientes, entretanto (Hansbury, 2011, 2017; Bulamah; Kupermann, 2016; Porchat, 2018; Rodrigues; Campos, 2021), e sua presença na literatura é relativamente pequena, sobretudo no caso de identidades não-binárias (Losty; O'Connor, 2018), de modo que a maior parte das produções reflete sobre a necessidade de atualizar a teoria para acolher essas identidades, mas trazem poucos exemplos de como fazê-lo de maneira adequada.

É imprescindível, no entanto, que sejam direcionados esforços de atenção em saúde para essa população, especialmente no campo da saúde mental, pois pessoas LGBTQIAPN+ estão sujeitas a índices maiores de depressão, ansiedade e outros transtornos mentais menores se comparadas ao resto da população, em vista dos determinantes sociais a eles associados (Russell; Fish, 2016; Mongelli et al., 2019). Justifica-se uma atenção mais específica à juventude LGBTQIAPN+, que representa o maior contingente etário desse grupo (IBGE, 2019; IPSOS, 2023), considerando o período de transição para a idade adulta como crítico

para o desenvolvimento desses transtornos (Russell; Fish, 2016), assim como outros estressores comumente presentes nessa faixa etária que podem se associar àqueles relativos a sua condição minoritária e agravar o caso.

### **1.2.6 Juventudes LGBTQIAPN+, instituições de ensino superior e vulnerabilidade psíquica**

Embora as Instituições de Ensino Superior (IES) representem um dos espaços mais inclusivos no cotidiano de pessoas LGBTQIAPN+, em que muitos estudantes se sentem mais confortáveis para explorar suas identidades, longe de lares, conhecidos e familiares que possam julgar suas escolhas (Cerqueira-Santos; Azevedo; Ramos, 2020), o ambiente acadêmico também é considerado altamente estressor (Cerchiari; Caetano; Faccenda, 2005), e, dentro dele, é na própria população LGBTQIA+, como observado por Cerqueira-Santos, Azevedo e Ramos (2020) e por Silva (2021), que se encontram os maiores índices de estresse e transtornos mentais, especialmente em vista dos estressores adicionais associados à sua condição minoritária, que não se apresentam nos demais estudantes.

Embora esta não tenha sido exatamente contemplada em nenhum deles, é possível inferir que os resultados desses estudos se apliquem de maneira similar à população Transgênero e Não-Binária (TNB), em congruência a dados encontrados em pesquisas do exterior (Goldberg, 2019), já que as pesquisas, respectivamente, ou pareciam contar somente com participantes cisgênero, ou encontraram número estatisticamente insignificante de participantes desta população para correlações quantitativas (considerando tratar-se da população de alunos de um único instituto na Universidade de São Paulo (USP)).

### **1.2.7 O guarda-chuva da não-binariedade e as suas multitudes**

Um estudo pioneiro na América Latina, realizado por Spizzirri *et al.* (2021), reuniu dados demográficos de pessoas TNB na população geral do Brasil, que, embora extremamente importante para o mapeamento epidemiológico de algumas situações de sofrimento comuns, por seu grande número de participantes, cometeu algumas arbitrações na coleta ao simplificar intencionalmente o instrumento específico utilizado para aferir o gênero dos participantes, buscando acessar camadas diversas da população que possivelmente desconhecem a terminologia utilizada nos estudos de gênero. Em especial, é passível de crítica no estudo a concepção da incongruência entre gênero e sexo somente em um espectro binário e mutuamente excludente de identificação (ex. nasci mulher, mas me identifico como homem; nasci mulher e me sinto confortável com meu corpo, etc.), de modo que a

classificação das identidades consideradas não-binárias se deu quando declarada ausência de desconforto corporal juntamente à não-identificação com qualquer um dos dois gêneros.

A não-binariedade, porém, enquanto um termo identitário guarda-chuva, agrupa uma infinidade de identificações que, em algum aspecto, fogem ao espectro dicotômico de identificações estritamente masculinas ou femininas. Tal como colocado por Richards et al. (2016), estão inclusas: (1) pessoas que se identificam predominantemente, porém não exclusivamente, com um dos gêneros binários; (2) pessoas que se identificam com ambos, ou todos os gêneros; (3) pessoas que não se identificam com nenhum gênero; (4) pessoas que se identificam com um terceiro gênero, senão o masculino e feminino; (5) pessoas que possuem fluidez de gênero, específica ou não entre as diversas categorias; (6) pessoas que se identificam com um gênero intermediário, ou neutro, e até mesmo (7) pessoas que buscam romper essa dicotomia binária ao questionar a própria existência e veracidade do gênero como conceito. São associados diversos termos e nomeações (tipicamente referidos por rótulos, como agênero, pangênero, andrógino, gênero-fluido, entre outros) a essas identidades, também incluindo reapropriações de termos previamente pejorativos, como travesti, ou *queer*. A escolha e o uso deste(s) (ou não) está intimamente relacionada à vivência pessoal e à subjetividade de cada um, à autocompreensão e à consonância com os significados associados a esses termos (Reis; Pinho, 2016), especialmente considerando a existência de diversos termos coincidentes e/ou similares.

Nessa amplitude de vivências, há pessoas que sentem disforia de gênero, isto é, desconforto com características corporais, gestuais e sociais associadas ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento (APA, 2013), assim como pessoas que não a sentem. Pessoas que desejam realizar alterações em seu corpo, em vias de adequá-lo mais à maneira como desejam se ver, e que, portanto, requerem atenção em saúde específica às suas necessidades e configurações corporais (como no auxílio à transição médica segura de gênero, seja em terapias hormonais ou em procedimentos afirmativos de gênero, além de profissionais capacitados a lidar com as alterações provocadas por esses procedimentos), assim como pessoas que não desejam realizá-las, seja porque se sentem confortável com o próprio corpo ou por qualquer outro motivo.

Essa variedade, portanto, implica na existência de vivências cotidianas mais próximas e outras mais distantes à compreensão médica de transgeneridade (APA, 2013). Dessa maneira, faz-se necessário contemplar essa diversidade ao falar sobre identidades não-binárias, sem arbitrariamente simplificar e reduzir as vivências possíveis, especialmente considerando a natureza construtiva (Butler, 1990/2003) e singular do gênero.

### **1.2.8 Uma visão positiva**

Retomando a discussão de Butler (2004) a respeito da validade diagnóstica da disforia de gênero como fundamentadora das vivências TNB ou apenas facilitadora na obtenção de direitos básicos, médicos e legais, essenciais para a vida digna de cada pessoa, o presente estudo, em conformidade com outras teses e artigos recentes (Tacit, 2020; Crewe-Kluge, 2021; Jacobsen; Devor, 2022), toma como base o movimento migratório de fundamentação das experiências e identidades TNB nas sensações de euforia de gênero, isto é, as sensações positivas de conforto, alegria e euforia, obtidas em relação a essas identidades, sejam elas autoinduzidas, pela satisfação em ver-se e sentir-se segundo às características desejadas; ou relacionais, no respeito e validação de suas identidades, ao invés da disforia de gênero, tal como proposto no DSM-V (APA, 2013).

Nesse realocamento da etiologia para a teleologia (Saketopoulou, 2014 *apud* Harris, 2016), não se busca negar ou diminuir as opressões e desconfortos vivenciados, mas utilizar de experiências mais universais, relativas ao prazer e o gozo para fundamentá-las: tal como colocado por Hansbury (2011), no encontro de liberação e no alívio advindos da percepção de sua inter-materialidade, permitindo a inclusão do máximo possível de vivências, para assim, obter um panorama completo tal como o requerido para uma atenção em saúde eficaz e resolutiva.

### **1.3 Justificativa social e política**

A graduação é um período crítico para a formação de identidade, pelo contato com novas pessoas, ideias e a maior liberdade de se explorar e expressar, por, em muitos casos, estar longe dos pais, em um ambiente menos conservador. Também é, no entanto, um ambiente com alta prevalência de transtornos mentais (Cerchiari; Caetano; Faccenda, 2005; Carvalho Nogueira, 2017), especialmente agravados no caso de estudantes minoritários (Cerqueira-Santos; Azevedo; Ramos, 2020).

Se associados esses fatores ao despreparo das IES no acolhimento de estudantes Transgênero e Não-binários (TNB), na garantia de direitos básicos, como acesso a moradia, tal como previsto no Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) (Brasil, 2010; Pante, 2021), e banheiros inclusivos (Oliveira; Silva, 2015; Scote; Garcia, 2020), além de políticas afirmativas, embora ainda incipientes, de respeito ao nome social e aos pronomes de escolha (Beemyn, 2015; Oliveira; Silva, 2018; Scote; Garcia, 2020; Silva; Fernandez Vaz, 2020; Pante, 2021), é compreensível a posição de vulnerabilidade em que se encontram.

Dessa maneira, faz-se necessária a atenção psicossocial voltada diretamente para as vivências dessa população, compreendendo suas necessidades específicas, fatores protetivos e estratégias para lidar com o sofrimento, de maneira a fundamentar políticas públicas de assistência estudantil efetivas e resolutivas, contemplando as demandas de maneira atualizada e contribuindo para a permanência estudantil de pessoas TNB.

#### **1.4 Justificativa científica**

Como discorrido, a Psicanálise historicamente contribuiu, em muito, para a patologização e estigmatização de identidades fora da cisheteronorma. Ainda assim, assumindo um caráter descritivo ao invés de prescritivo, precavendo-se e minimizando as dinâmicas da transferência e da contratransferência no discurso e na relação terapêutica/entrevistador-entrevistado (Bulamah; Kupermann, 2016; Hansbury, 2017; Porchat; Santos, 2021), ela se constitui como um método investigativo promissor para compreender as realidades dessas pessoas (Rodrigues; Campos, 2021), especialmente pelo enfoque dado às subjetivações, o desejo, o prazer e suas realizações e desrealizações.

Essa forma de atuação, no entanto, é ainda incipiente (Hansbury, 2011; Bulamah; Kupermann, 2016; Hansbury, 2017; Porchat, 2018; Rodrigues; Campos, 2021), e sua presença na literatura é escassa, ainda mais no caso de identidades não-binárias (Losty; O'Connor, 2018) de forma que as produções em diálogo com a teoria *queer*, que buscam romper a ortodoxia e atualizar a teoria frente as críticas e as limitações apontadas, reforçam a necessidade de continuamente ouvir e acolher as novas identidades (Arán; Peixoto Júnior, 2007; Porchat, 2018; De Garay, 2019; Martins, 2019; Porchat; Ofsiany, 2020; Rodrigues; Campos, 2021) mas não trazem consigo exemplos da singularidade e especificidade das narrativas das pessoas a quem estão tentando acolher, e os poucos estudos e artigos que o fazem demonstram também limitações na compreensão das identidades e no manejo da transferência e da contratransferência no *setting* terapêutico, ou de pesquisa, pela distância de realidades entre pesquisadores cisgênero conformantes e participantes não-binários (Hansbury, 2017; Losty; O'Connor, 2018; Porchat; Santos, 2021).

Dessa maneira, propõe-se, no presente estudo, um retorno ao método fundamental da teoria psicanalítica, com algumas adaptações: a escuta aceitadora das narrativas e a investigação acolhedora dos elementos trazidos para sanar parte dos problemas levantados, assim minimizando alguns dos efeitos contratransferenciais citados por Losty e O'Connor (2018) e caminhando para uma reparação pela atuação antagônica centenária.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivos gerais**

Compreender as narrativas de estudantes de identificação não-binária na construção de suas identidades e em seus percursos e experiências na Academia, positivas e negativas.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Compreender algumas das dimensões intersubjetivas da formação dessas identidades;
- Verificar o efeito das políticas afirmativas já implementadas e as necessidades ainda não contempladas nas vivências estudantis dessas pessoas;

## **3 METODOLOGIA**

### **3.1 Tema**

- Saúde Mental, Psicanálise, diversidade de gênero e ensino superior.

### **3.2 Delimitação do tema**

- Saúde mental e diversidade de gênero no contexto de graduação em Instituições de Ensino Superior sob uma ótica psicanalítica.

### **3.3 Problemas**

A Psicanálise inegavelmente contribuiu para a construção do estigma contra as populações LGBTQIAPN+. Ainda assim, movimentos recentes de reestruturação teórica, além de relatos de atuação de pessoas TNB na clínica e na pesquisa, na produção de conhecimento sobre o grupo de que fazem parte, possibilitam uma ação reparadora, utilizando de uma base teórica extremamente promissora na análise e compreensão dessas subjetivações.

Em acordo à literatura estrangeira e outros estudos brasileiros contemplando a comunidade LGBTQIAPN+ acadêmica como um todo, é possível inferir que estudantes TNB estejam em situação de maior vulnerabilidade psicossocial. O processo de construção de identidades fora dos binarismos de gênero é plural, potencialmente turbulento, mas também libertador e capaz de eliciar afetos eufóricos e prazerosos, embora esta seja uma dimensão pouco explorada em estudos brasileiros.

As universidades são espaços inclusivos, por conta da própria natureza vanguardista na produção de conhecimento e no questionamento das concepções de senso comum. Ainda assim, as políticas de inclusão oferecidas podem ser consideradas insuficientes, especialmente quanto ao acesso à moradia e banheiros. Também se demonstra uma escassez na produção científica dando voz a pessoas não-binárias nessa problemática, evidenciando uma lacuna a ser preenchida.

Dessa maneira, almeja-se aferir e compreender como são as dimensões das experiências de pessoas não-binárias no período graduação: como foi, resumidamente, seu percurso, desde a infância até o presente momento na construção dessa identidade? Há influência desse ambiente na construção e aceitação dela? Sentem-se contemplados com as políticas inclusivas e conseguem acesso a direitos básicos a sua vivência? Há interferência desses fatores em processos psíquicos, positivos ou negativos, relacionados à saúde mental?

### **3.4 Hipóteses**

- O período da graduação, trazendo em si um ambiente de maior aceitação e intercâmbio cultural e de vivências, é importante no desenvolvimento e na aceitação de identidades não-binárias;
- Ainda assim, espera-se uma prevalência média a alta de relatos com experiências problemáticas de saúde mental, isto é, episódios depressivos, ansiedade, pânico, entre outros;
- Os processos eufóricos, isto é, a expressão de euforia de gênero, contribuem para o alívio e são fatores protetivos que atenuam a presença desses sentimentos no cotidiano;
- Há lacunas importantes nas políticas inclusivas, especialmente quanto à presença de banheiros e moradia acessíveis;
- Essas lacunas possuem efeito negativo na saúde mental dos estudantes, trazendo sensação de não-pertencimento, falta de acesso a direitos básicos garantidos a outros, ocasionada somente por conta de sua identidade.

### **3.5 Desenho geral da pesquisa**

Conforme a vasta e plural dimensão subjetiva a qual o presente estudo buscou compreender, propôs-se um desenho metodológico qualitativo, com entrevistas narrativas psicanaliticamente informadas. Mais especificamente, utilizou-se o método da *Free Association Narrative Interview* (FANI), desenvolvido por Hollway e Jefferson (2008;

Hollway, 2009), amplamente utilizado e considerado como um dos mais completos métodos psicanaliticamente informados, pela exploração dos conteúdos obtidos na entrevista de maneira muito próxima a uma psicoterapia, como colocado por Midgley (2006 *apud* Archard, 2020) e Speedy (2008 *apud Ibid.*), em entrevistas narrativas individuais com cada participante.

### **3.6 Participantes**

Responderam ao formulário 11 estudantes de graduação em IES que se identificavam como não-binários, trans não-binários, travesti, *queer* ou qualquer outra identidade que se encaixasse fora dos binarismos de gênero, considerando a variabilidade possível de identificações e sua natureza autodeterminada. Tratando-se de uma pesquisa com seres humanos, responderam afirmativamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que continha as devidas informações a respeito dos riscos e benefícios em se participar da pesquisa.

A restrição no número de participantes foi instituída para assegurar uma melhor condução do estudo, considerando sua natureza qualitativa, para obter resultados mais ricos e evitar sobrecargas, considerando a presença de apenas um pesquisador responsável pelas análises, com auxílio de um auxiliar de pesquisa, que conduziu também entrevistas.

#### ***- Recrutamento dos participantes***

Os participantes foram recrutados de maneira voluntária. A pesquisa foi divulgada em meios de comunicação pela internet, nas redes sociais digitais, como Instagram, Twitter e WhatsApp. O meio de contato de preferência dos participantes foi obtido a partir do preenchimento de uma questão específica no formulário de inscrição na pesquisa.

#### ***- Critérios de inclusão e exclusão***

Os critérios de inclusão dos voluntários foram a faixa etária (idade maior ou igual a 18 anos), serem estudantes de graduação em alguma IES e identificarem-se como não-binários, trans não-binários, travesti, *queer* ou quaisquer outras identidades que se encaixem fora dos padrões binários de gênero.

Buscando garantir a integridade e segurança dos participantes, bem como o enfoque específico na faixa etária em questão, o critério de exclusão foi encontrar-se fora dessa delimitação, assim como a não-participação em alguma das etapas da pesquisa.

#### ***- Riscos e benefícios***

Tratando-se de uma pesquisa com seres humanos, relatando experiências próprias e narrativas, bem como a própria natureza do material trabalhado, é importante notar que alguns

riscos e benefícios puderam ocorrer. Os benefícios trazidos foram principalmente indiretos, como:

- a) colaborar com a produção de conhecimento a respeito de identidades TNB feita de maneira preocupada com a validade de suas vivências e experiências;
- b) contribuir para possivelmente desenvolver novas políticas públicas de inclusão nas IES, bem como avaliar as presentes e, possivelmente, auxiliar em sua melhora, caso não sejam contemplados inteiramente por elas.

Além destes, podem ser citados também benefícios diretos, decorrentes do espaço livre de julgamentos para explorar suas identidades, como a euforia e uma maior autoconsciência.

Contudo, a pesquisa também pôde trazer riscos aos participantes, mas foram tomadas as devidas precauções a evita-los e manejá-los, caso surgissem, seguindo sempre as orientações expressas do próprio participante quanto a seus limites. Exemplos destes incluem:

- a) cansaço, estresse ou irritabilidade em responder o formulário contendo questionário sociodemográfico, assim como na participação das entrevistas;
- b) afetos negativos frente ao surgimento de memórias traumáticas, conteúdos inconscientes ansiogênicos, *insights* em relação à própria condição subjetiva, etc.
- c) riscos referentes à utilização de ambiente virtual, como invasões de privacidade, ataques digitais, etc.

Recomendou-se também que os participantes estivessem em um ambiente confortável, onde pudessem falar livremente sobre as questões que surjam na entrevista, de maneira a evitar danos relacionados a terceiros, como familiares ou conhecidos, assim como poder tratar livremente sobre os assuntos, sem bloqueios relacionados à presença de possíveis ouvintes externos.

Três dos 11 participantes não responderam ao convite para participar da segunda etapa da pesquisa, e, portanto, foram excluídos da coleta conforme o critério de exclusão supracitado.

### **3.7 Instrumentos de investigação**

#### **3.7.1 Formulário feito na plataforma Google Forms**

Foi utilizado um formulário no Google Forms para coletar dados gerais dos participantes voluntariamente dispostos a participar da pesquisa. Nesse formulário, foram obtidos a idade, o gênero autoidentificado e os pronomes a serem utilizados, a IES com qual

possuía vínculo, o curso, o semestre letivo e alguns dados sociodemográficos e econômicos dos participantes, além dos meios de contato para posterior agendamento das entrevistas virtuais.

### **3.7.2 Entrevistas narrativas individuais psicanaliticamente informadas**

Posteriormente, após respondido o formulário e agendadas as entrevistas, foram realizados os encontros online com cada participante, por meio da plataforma Google Meet, com 2 roteiros de entrevista construídos de maneira a eliciar narrativas de histórias, memórias e situações vividas.

O primeiro, composto por 8 questões, explorava eventos e situações, positivos e negativos, ligados à construção, relação subjetiva e autopercepção de sua própria identidade, de maneira a compreender as dimensões e nuances subjetivas de sua relação consigo mesmo, além de suas experiências na graduação relativas à sua identidade, das sensações de acolhimento e ameaça associadas a esse ambiente.

O segundo, composto por 6 questões, perscrutou as relações pessoais, explorando também situações e eventos relacionados a pessoas tidas como referências, tanto prévias a essa identificação, e os afetos associados a elas, como posteriores a ela, da mesma maneira. Foram exploradas também as dimensões de como essa introjeção e projeção das características das figuras de referência afeta as relações inter e intrapessoais.

As entrevistas foram aplicadas de forma individual e o conteúdo apreendido foi gravado utilizando um recurso da própria plataforma para transcrição e análise do conteúdo, segundo os princípios ditados por Hollway e Jefferson (2000, 2001, 2008; HOLLWAY, 2009).

A escolha de um modelo narrativo para as entrevistas, em oposição a modelos estruturados ou semiestruturados, se deu pela busca por uma compreensão mais profunda da realidade dos participantes, em função da possibilidade de investigá-las atendo-se aos significados e conteúdos produzidos por eles na rememoração (re)construtiva de suas experiências, conforme Hollway e Jefferson (2001, 2008). Em uma perspectiva psicanalítica, o conhecido mantra “Recordar, Repetir e Elaborar”, tal como explorado no artigo homônimo de Freud (1914/2010a), traz consigo uma relevância para os processos psíquicos e identitários ao permitir apropriar-se da importância constitutiva de determinadas experiências na estruturação atual da psique, evidenciada pela presença recorrente de elementos correlatos a elas na associação, bem como de revisitar as experiências passadas por uma ótica atualizada,

diferente em decorrência das demais vivências experienciadas no tempo transcorrido entre o evento passado e o presente.

O método da FANI, dessa maneira, pode ser visto como uma readequação da prática psicanalítica clínica às especificidades do meio de pesquisa, principalmente em função da menor disponibilidade de tempo direcionado ao caso: embora fuja ao princípio freudiano da livre escolha temática na associação, por instituir um tema específico a ser trabalhado, faz uso de perguntas abertas, mas específicas, para, ainda assim, permitir ao participante associar conforme suas experiências, e não do conteúdo da pergunta em si, protegendo a integridade de seu relato de contaminações transferenciais e linguísticas comuns no ambiente de pesquisa, enquanto ainda assim explora as dimensões subjetivas dos fenômenos observados (Hollway; Jefferson, 2001, 2008).

Embora, a princípio, fosse proposta a realização de dois encontros com cada participante, devido à expectativa de duração de aproximadamente 1 hora para cada parte da entrevista, verificou-se, a partir da aplicação do instrumento, que ambas as partes poderiam ser conduzidas em um único encontro com duração de 20-50 minutos, a depender da disposição de cada participante. A partir disso, a coleta foi realizada em encontros únicos, com consentimento expresso dos participantes ao final do primeiro roteiro de que não estavam cansados e tinham interesse em realizar a segunda parte naquele mesmo momento. Somente um dos participantes pediu que os roteiros fossem realizados em dias separados, devido à duração longa do primeiro encontro, agravada, em parte, por alguns problemas técnicos quanto à estabilidade da rede de internet.

### **3.8 Procedimentos**

Os procedimentos da pesquisa foram realizados da seguinte maneira:

- I) após aprovação da pesquisa no Comitê de Ética da UFSCar, teve início a divulgação da pesquisa em meios de comunicação, digitais e analógicos, com *link* e *QR-Code* para o formulário;
- II) conforme as respostas do formulário forem obtidas, foram agendadas e realizadas as entrevistas com os participantes;
- III) Após a realização das entrevistas com todos os participantes, as análises qualitativas de interpretação das narrativas foram realizadas, em conjunto a um supervisor especializado nas teorias referentes a essa análise, de maneira assegurar a validade das reflexões construídas e relações observadas;
- IV) Com os dados analisados, deu-se início à escrita da Monografia.

### 3.9 Procedimentos éticos

Foram consideradas as normativas propostas na Resolução 510/16 do Ministério da Saúde, para a realização da pesquisa, conforme o Manual de Ética em Pesquisa com Humanos do Conselho Nacional de Saúde, assim como as condutas éticas referentes à obtenção, análise e divulgação dos dados para além das normativas previstas.

O projeto foi apresentado para apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSCar, e a coleta só teve início após sua aprovação.

Para terem acesso à pesquisa na íntegra e aos instrumentos, a aceitação voluntária dos participantes foi condicionada à concordância do TCLE, presente nas primeiras páginas do formulário do Google Forms.

Foram utilizados nomes fictícios para todos os participantes na apresentação dos resultados, de maneira a proteger suas identidades. Da mesma maneira, aspectos que pudessem identificá-los também foram alterados, como alguns dos cursos de graduação realizados e demais detalhes presentes em seus discursos que os expusessem.

### 3.10 Análise de dados

Foi utilizado um formulário Proforma, baseado no de Hollway e Jefferson (2001), e preenchido a partir das respostas do formulário inicial e de algumas outras informações coletadas nas entrevistas, para facilitar a disposição de informações básicas e rápidas sobre o participante. As entrevistas foram transcritas extensa e integralmente, com auxílio de *softwares* de Inteligência Artificial, revisadas e acrescidas de rubricas e anotações para desenvolver as reflexões a respeito dos comportamentos presenciados na gravação. A partir dessa transcrição, foi construído um *pen portrait*, isto é, um retrato escrito do participante disponibilizado na monografia, de modo que, mesmo sem acesso aos dados crus, os leitores ainda fossem capazes de experienciar o participante e suas vivências prévias em uma “totalidade substituta” e resumida, uma alternativa à *gestalt* obtida pelo pesquisador, de acordo com a metodologia expressa por Hollway e Jefferson (*Ibid.*).

Ainda assim, em conformidade aos cuidados expressos por Hollway (2009), o registro da transcrição foi utilizado conjuntamente à gravação para a análise interpretativa, considerando a incapacidade de traduzir todas as nuances vocais/gestuais e questões intersubjetivas em um simples texto corrido em busca de uma *gestalt* que possibilitasse compreender a totalidade dos conteúdos trazidos no caso.

Quanto ao referencial teórico, o método FANI utiliza perspectivas kleinianas para analisar o discurso dos entrevistados, compreendendo-os como sujeitos defendidos em relação a ansiedades inerentes à condição humana. Essas ansiedades são geradas por ameaças ao *self*, e possuem impactos importantes na associação livre, na estrutura do discurso e nas ações dos participantes da pesquisa (Hollway; Jefferson, 2001, 2008). Segundo essa teoria, a posição esquizo-paranoide é um funcionamento infantil primitivo marcado por forte ação dos mecanismos de clivagem (divisão, *schism*) e da ansiedade persecutória (paranoide) — daí o nome — e relativa às experiências dos primeiros meses de vida, para qual somos passíveis de recorrer em situações de vulnerabilidade e ataques ao *self* (Hollway; Jefferson, 2001; Klein, 1946/1984b). Nela, as relações se dão principalmente com objetos parciais, espelhando a relação com o primeiro e mais importante objeto: o seio (*Ibid.*).

Nesses primeiros momentos de vida, a exploração do mundo está intrinsicamente ligada à alimentação, de maneira que as experiências significativas do bebê estão, em sua maioria, conectadas às sensações de satisfação e frustração provenientes dela (*Id.*, 1936/1984a), vivenciadas na fantasia infantil com intensidade voraz. A diminuta capacidade de abstração e a necessidade de impedir que as experiências frustrantes contaminem a experiência idealizada do seio (importante para o desenvolvimento psíquico do ego como ponto focal e salvaguarda contra as ansiedades) geram a necessidade de separar na fantasia o seio (objeto real) com o qual se relaciona em dois: um seio bom, que nutre e completa, e um seio mau, que ativamente priva ou envenena; separação esta feita por meio de mecanismos de clivagem (*Id.*, 1946/1984b).

É necessário apontar que toda clivagem no objeto traz, também, uma clivagem no ego, e esse aspecto possui repercussões importantes para o pensamento (*Ibid.*). As fraturas neles percebidas e infligidas nada mais são do que ações do mecanismo de clivagem operando para reduzir as ansiedades. Como a ação desses mecanismos é proporcional às ansiedades que os motivam, é natural que em situações ansiogênicas o ego se encontre empobrecido, pois, é comum nesses casos que os mecanismos de clivagem sejam utilizados de maneira excessiva, tanto contra o objeto quanto contra si (Segal, 1988). Os processos de negação mágica do objeto persecutório também possuem influência importante nesse empobrecimento, já que não apenas o objeto e a situação de perseguição são negados, mas, a relação de objeto em si é destruída, e, portanto, uma parte importante do ego da qual emanam os sentimentos para o objeto é também clivada, negada e aniquilada (Klein, 1946/1984b).

Com efeito, a própria divisão do objeto pressupõe, também, uma divisão e um distanciamento na psique do bebê entre seu amor e ódio por eles, incapazes de coexistir sob a

ameaça de destruírem a si e a ele próprio — já que a destruição do objeto bom significaria o desamparo, e, portanto, a morte. Como o objeto bom não realiza ataques ao objeto mau e está constantemente ameaçado, é necessário idealizá-lo em seu poder para que consiga sobreviver, projetando-lhe as características que o permitem resistir (Segal, 1988).

Conforme o caminhar do desenvolvimento e o conseqüente aumento na capacidade de interação com o mundo a seu redor, o bebê progride para relacionar-se com mais objetos senão, apenas, o seio; ainda em termos parciais, mas, de maneira menos seletiva. Da mesma maneira, as demais pulsões (uretrais e anais) também adquirem maior relevância, mesmo que a oral siga sendo a mais importante (*Ibid.*). As excretas referentes às novas zonas erógenas associam-se a partes indesejadas do ego que a criança projeta no objeto, responsáveis, portanto, pela experiência de controle e possessão dele, que é sentido como sendo não apenas representativo, mas as próprias partes indesejadas de si (*Ibid.*). Iniciam-se, assim, os mecanismos de identificação projetiva, quando os objetos passam a ser identificados com as partes de si neles projetadas, sejam elas positivas ou negativas (*Ibid.*). Os excrementos no caso das projeções positivas assumem o significado de presentes, e refletem as partes boas e amáveis do *self* (*Ibid.*).

A regressão a esse estado se deve, principalmente, à sua simplicidade maniqueísta, que permite, por meio das clivagens, o controle das ansiedades na separação e diferenciação dos objetos entre bons ou maus, ideais ou persecutórios, mantendo com eles, portanto, as relações de identificação e defesa, por meio dos mecanismos de introjeção e projeção (*Ibid.*; Segal, 1988; Roth, 2009).

Um exemplo das possibilidades de utilização dessa perspectiva, tal como explorado por Hansbury (2011) em seu paciente prototípico Lucas, é de que, como reflexo da estrutura patriarcal de nossa sociedade e dos questionamentos a respeito de sua validade enquanto um sistema opressivo, é comum encontrar em pessoas TNB uma forte ambivalência frente à masculinidade, tanto em pessoas que buscam aproximar-se de um modo de ser mais próximo ao socialmente tido como masculino, como por pessoas que desejam manter algum resquício dele em suas identidades, considerando que em ambos os casos são vítimas da opressão associada à manutenção do estatuto do cis-patriarcado.

Essa ambivalência se traduz em ansiedades advindas da identificação com noções tradicionalmente associadas à masculinidade, tidas por essas pessoas como negativas, a exemplo da raiva, violência, egoísmo, misoginia etc, de maneiras que podem afetar o participante frente às incoerências e contradições daquilo que é representado por essa nova identidade.

Ainda assim, compreendendo essa dimensão da psique dividida em processos de introjeção e projeção e as maneiras como esses processos operam no discurso (Klein, 1946/1984b; Segal, 1988; Hollway; Jefferson, 2001; Bell, 2009; Roth, 2009), é possível obter uma visão mais aprofundada das relações dos participantes com suas próprias identidades e ações, especialmente em aspectos importantes que podem estar inacessíveis à sua consciência, mantendo ainda assim um ambiente acolhedor a esses conteúdos, livre de julgamentos, seja como forem.

Quanto à transferência, as principais diferenças entre Klein e Freud se devem à qualidade da fantasia utilizada no seu estabelecimento. Enquanto Freud prescreve desejos eróticos inconscientes como elemento base para o estabelecimento da transferência (Freud, 1905/2006, 1912/2010a), ainda que ela se refira à totalidade de uma relação, Klein, de maneira mais ampla, pressupõe seu estabelecimento a partir de uma variedade de elementos fantasísticos que sejam atribuídos de maneira oportuna, espelhando aspectos de significância das relações objetais anteriores com alto grau de transformação (Klein, 1952a/1984b).

Efetivamente, não apenas relações pessoais podem ser espelhadas — pensando-as, então, como relativas a objetos inteiros — mas, também relações com objetos parciais e até mesmo partes de si, como o Superego, o Ego e até mesmo o Id (Klein, 1952a/1984b). A transferência, neste caso, é qualquer soma de elementos da fantasia que se atribui em cima das experiências reais da análise e da figura do analista ou pesquisador — incluindo emoções, defesas e relações objetais —, e deve ser analisada buscando o aspecto de relevância que está sendo revivido (*Ibid.*).

Uma compreensão ampla, portanto, das relações objetais se faz necessária para apreender a totalidade dos processos que podem revelar não apenas os aspectos transferidos, mas, também, as situações em que se inserem essa necessidade de transferência. A excessiva preocupação do paciente com o bem-estar da figura do analista, por exemplo, pode evidenciar fantasias de inveja na transferência, contra as quais se erigem defesas reparativas (Segal, 1988). A migração rápida de um estado depressivo para um hostil, em que o paciente/participante se sente perseguido na exploração de seu inconsciente, pode demonstrar tanto falhas nos mecanismos defensivos como um ponto de fixação, uma experiência de ansiedade persecutória de invasão recorrente (Klein, 1946/1984b).

Foram realizados, no entanto, alguns incrementos em relação à base teórica utilizada para a análise: em especial, a adição da perspectiva winnicottiana do verdadeiro e falso *self* (Winnicott, 1960/1983), de maneira a ampliar o número de conteúdos acessíveis e analisados com a entrevista, e assim, contemplar também experiências ambientais e relacionais, positivas

e negativas, na estruturação das identidades. Como colocado por Hansbury (2011) e utilizado em sua prática, essa teoria permite analisar dimensões transferenciais importantes para o desenvolvimento das identidades, não apenas em pacientes TNB, mas também cisgênero, em sua relação com figuras modelo, a exemplo do próprio terapeuta, cumprindo a função de “Mãe suficientemente boa” para seu desenvolvimento.

Evidentemente, nessa perspectiva, o *setting* de pesquisa se distancia do terapêutico, afinal, o pesquisador metodologicamente se propõe apenas como um espectador do drama interno, e não como uma figura de referência para o participante. Ainda assim, por meio desta teoria, foi possível explorar como as relações ambientais influenciaram a estruturação de suas identidades, e quais foram os efeitos decorrentes dessas relações nos processos psíquicos, enquanto relacionados intimamente à autopercepção e autoestima, e, portanto, à saúde mental.

As análises foram enviadas para supervisores especializados, de maneira a averiguar a validade das interpretações e relações construídas pelo pesquisador a partir do material. Este buscou explicitar também questões contratransferenciais que surgiram ao longo tanto das entrevistas como das análises, tal como discorrido e realizado por Hansbury (2011, 2017), citado e desenvolvido por Porchat e Santos (2021) e realizado também por Losty e Connor (2018), de maneira a diminuir algumas das problemáticas da FANI apontadas por Archard (2020) ao permitir acesso aos pensamentos e reações do pesquisador, possibilitando assim questionamentos e escrutínio externos acerca das relações tecidas, para assim fomentar a realização de novos estudos para preencher as lacunas e insuficiências deste presente estudo.

Não se espera extensa generalização dos resultados, considerando a importância dada à subjetividade e à unicidade de cada subjetivação, mas dar voz à diversidade de uma população historicamente estigmatizada e pouco escutada de fato na produção científica. Ainda assim, os resultados, além de possibilitarem um contato com essas vivências, podem também evidenciar situações comuns entre elas, e, dessa maneira, possibilitar ações reparadoras na forma de políticas públicas e inclusivas, especialmente nos ambientes das IES.

## **4 RESULTADOS**

### **4.1 Primeira etapa**

Todos os 8 participantes que responderam às duas etapas da pesquisa eram brasileiros, estudantes de universidades públicas do interior do estado de São Paulo. A maioria dos participantes (75%) se identificava como branca, dentro das categorias propostas pelo IBGE. Além desse percentual, a pesquisa também contou com participação de 1 pessoa preta e 1

pessoa parda. As idades dos participantes encontraram-se no intervalo de 19 a 25 anos — algo esperado devido à delimitação populacional quanto a estudantes de graduação — com uma prevalência da faixa dos 20 anos (37,5%). A maior parte (62,5%) declarou ter feito Ensino Fundamental na rede particular; quanto ao Ensino Médio, por outra via, a maioria (62,5%) declarou tê-lo concluído na rede pública. Um dos participantes não respondeu às perguntas sobre escolaridade. 62,5% não exercem atividade remunerada e todos contavam com auxílio da família para subsídio financeiro. Quanto à moradia, 50% reside com a família, 37,5% divide moradia com colegas e conhecidos e 12,5% mora sozinho.

A maior parte dos participantes (62,5%) preferiu utilizar o rótulo da não-binariedade para se definirem. Uma pessoa identificou-se como gênero-fluido, em adição à não-binariedade (não-binário e gênero-fluido). Outras duas identificaram-se como agênero, uma delas pontuando que o fazia somente quando exigido, posicionando-se como não-binário nas demais ocasiões, mais como uma recusa à cisnormatividade. Uma pessoa declarou-se mais alinhada ao espectro feminino, como Demigirl (termo utilizado para denotar uma afinidade maior, ainda que parcial, com aspectos femininos de identificação). Uma pessoa respondeu à questão preferindo não se rotular.

Quanto à orientação afetivo-sexual (preferências quanto ao gênero dos parceiros), houve certa variedade, mas, em geral, estavam inseridas ou adjacentes a identidades dentro do acrônimo LGBTQIAPN+, ou, ao menos, distantes de uma identificação cisheteronormativa. Agrupando orientações similares, a maioria (75%) relatou sentir atração ao menos afetiva por mais de um gênero específico (“Bissexual”, “Pansexual”, “Sem preferências de gênero”, “Assexual bi-romântico”, “Demissexual panromântico”, etc.), considerando as identificações dentro do espectro da assexualidade (tanto assexuais como demissexuais). Uma pessoa identificou-se como lésbica. Uma relatou gostar de pessoas afeminadas e outra respondeu preferindo não rotular sua orientação.

Nesse aspecto, encontra-se um dado interessante para análise. Certamente, o questionamento e ruptura com a cisheteronorma presentes em qualquer identidade fora dos binarismos de gênero implicam em uma recusa natural e uma fuga a orientações próximas à heterossexualidade, considerando o “pacote” cisheterobinarista em que geralmente estão inseridas (Wittig, 1992/2022). Mesmo identificações monossexuais e aparentemente binárias (“lésbica”) podem ser compreendidas, em termos wittigueanos, como subversões ao contrato heterossexual, que por consequência, implicam em dissidências de gênero, já que pressupõem uma fuga à cisheteronorma e uma ruptura aos papéis de gênero patriarcais que configuram as categorias “homem” e “mulher” enquanto posições não ontológicas, mas cultural e

socialmente situadas, que dependem de performatividades inteligíveis e esperadas para serem efetivamente produzidas (Butler, 1990/2003).

“Eu tinha uma dificuldade grande de me identificar como mulher, e aí, tipo, eu tinha contato com o movimento feminista, e tudo, mas eu não conseguia ter esse tipo de identificação. E aí a identidade ‘sapatão’ também acabou me ajudando em algum sentido, porque eu acho que tipo... quer dizer, é a-- é que a identidade sapatão permite um espaço que foge ali um pouco da cisgeneridade” — Ariel, 22 anos, estudante de Letras.

## 4.2 Segunda Etapa

A partir das entrevistas, obteve-se que o ambiente acadêmico de ensino superior público é considerado, em geral, um ambiente seguro para a exploração de identidades fora dos binarismos de gênero, se comparado a outros ambientes em que os participantes estão inseridos. Nele, foram ressaltadas principalmente a liberdade de expressar seu gênero, tanto no quesito estético como relacional, no uso de nome social e pronomes de escolha, sem receber julgamentos. Esse fator foi atribuído, em maior parte, à própria comunidade estudantil como um grupo de menor preconceito, reiterando as observações de Cerqueira-Santos *et al.* (2020), em contraste aos demais estratos da sociedade brasileira.

“No máximo, é essa questão do caminho que eu me preocupo mais, porque eu, eu pego dois ônibus pra chegar na faculdade [...]. O primeiro ônibus que eu pego, pra chegar na faculdade e pra sair da faculdade, só tem estudante da faculdade, na maioria das vezes, então é meio foda-se, eu sei que ninguém liga pra como eu tô lá, mas o segundo ônibus que eu pego saindo do centro para ir para casa é um ônibus que geralmente só tem gente da cidade mesmo, que não tem nada a ver com a faculdade, e aí é o momento em que eu fico um pouco mais acuado, fico mais na minha assim, sem chamar atenção, principalmente porque não quero ninguém-- não quero nenhum es-- nenhuma pessoa esquisita implicando comigo e nem nada” — Afrodite, 20 anos, estudante de História.

Em geral, a maior parte dos entrevistados pertencia a cursos de Humanas ou da Saúde, e relataram a comunidade docente dessas áreas como aberta a pedidos de uso de pronomes corretos e do nome social. Ainda assim, esperam dos professores uma certa falta de familiaridade acerca do tema, e a ansiedade de sofrer invalidação e descredibilização ao comunicá-los foi um fator presente em diversos relatos. Supõe-se, nesse caso, um fator geracional como explicativo, considerando a recente ampliação da visibilidade quanto às identidades não-binárias, associada a um movimento de recusa expressa e piadas recorrentes acerca do uso dos pronomes neutros, principalmente atribuídas a setores mais conservadores

da sociedade — com certa correlação geracional envolvida — nos quais há menor assimilação de questões identitárias LGBTQIAPN+.

“Em questão de pronome, os professores, assim, não costumam perguntar muito, eles só... falam assim, e tá tudo bem, sabe, tipo, eu não cobro muito, eu não falo muito com os professores também. Caso eu fale, eu geralmente falo, tipo, especifico que meus pronomes são masculinos e... [Pausa]. Porque eu sinto que, tipo, a maioria não usa [pronome] neutro, né, então mais fácil falar masculino” — Alex, 20 anos, estudante de Ciências Sociais.

“[Falando sobre a mudança de nome] Foi ficando mais concreto, também, depois, quando saiu dos meus amigos e começou a ir pros meus professores, então, tipo eu enrolei o semestre inteiro pra... pra pedir pros meus professores me chamarem de outra forma, porque, na minha mentalidade, ia ser mais fácil se eu só esperasse semestre que vem, quando todos os professores fossem novos e eu não tivesse que explicar nada, mas aí me falaram ‘Por que você só não manda um e-mail?’ e eu pensei ‘É... eu podia ter só mandado um e-mail’. Eu não pensei nessa possibilidade porque achei que ia ser muito difícil. Aí, acabou, eu mandei e-mail pros meus quatro professores que eu tenho esse semestre, e... [Falando sobre os professores] o que eu achei que ia ser de boa, foi de boa; o que tem menos noção social foi super de boa, ele elogiou meu nome; o que é pastor, que é o que eu tava mais preocupado, também falou que tudo bem; e a minha professora que estuda gênero nunca me respondeu\*” — Afrodite, 20 anos, estudante de História.

\*Afrodite entrou em contato após a entrevista, relatando que sua professora respondeu positivamente o email, e foi a única a perguntar seus pronomes de preferência.

Como visto, essa expectativa negativa, no entanto, também trouxe sentimentos eufóricos quando contrariada, demonstrando que alguns professores de fato podem conhecer aspectos de vivências TNB e se adaptarem por conta própria, sem necessidade de intervenções pedagógicas dos próprios alunos a respeito de suas identidades. Alex, por exemplo, identifica-se como não-binário e gênero-fluido, e, embora apresente fluidez entre apresentações estilísticas masculinas, femininas e andróginas, prefere ser referido com pronomes masculinos ou neutros. Ao ser questionado sobre um momento em que a graduação foi um ambiente acolhedor, respondeu:

“Olha, eu acho que nunca me aconteceu uma coisa assim, sabe, especificamente inclusiva, assim, mas teve um momento, no início da graduação, que eu respondi uma pergunta e um dos meus professores falou ‘Ah, qual que é seu nome?’, aí eu falei ‘Alex’, aí ele falou ‘Ah, o Alex falou’, e pra mim aquilo foi muito confortável, assim, foi um momento assim que eu guardo muito, porque eu tava numa época fluindo [em apresentação] pro feminino/andrógino [...], então, tipo, ele não olhou pra mim e falou ‘Ah, a menina’, sabe? Ele, ele, tipo, associou o pronome masculino já e me chamou, tipo, pelo pronome certo, sabe. E tipo, acho que aquilo foi uma experiência assim que foi muito acolhedora pra mim, porque ele não me julgou, assim, tipo, de primeira, tipo, ‘Ah, você parece mulher, então vou te chamar no feminino’. Então, aquilo para mim foi, tipo, bem, assim, satisfatório, eu diria” — Alex, 20 anos, estudante de Ciências Sociais.

Mesmo dentro do ambiente acadêmico — e universitário, de maneira mais ampla —, no entanto, foram também citadas situações e experiências desagradáveis. Pat, uma das participantes, estudante de Física que se identifica como demigirl, relatou que um professor de seu departamento explicitamente demonstrou, com certo desdém, sua falta de receptividade à inclusão na primeira aula do semestre.

“Alguns professores que eu já tive aula... [Iniciando um relato] Primeiro dia de aula. A gente tava conversando sobre o currículo [programa de ensino da disciplina] [...]. O professor falando ‘Eu não me importo como você quer que eu te chame, quais são as suas letrinhas especiais...’, desse jeito! ‘Eu vou chamar como o seu nome tá escrito na lista de chamada e eu não ligo’. [Pausa] Então... já houveram [sic] agressões--, assim, não tinha ninguém na sala de aula que se sentisse muito ofendido em relação a isso-- eu me senti muito ofendida! Mas não ia ser... não ia recair sobre mim, mas... é bem comum coisas assim acontecerem, principalmente, nos cursos de Exatas.” — Pat, 22 anos, estudante de Física.

A mesma participante relatou também dois outros episódios envolvendo agressões explícitas. Uma delas verbal, a um de seus amigos trans que utilizava o banheiro masculino da universidade, assim como uma ocasião em que ela própria foi agredida fisicamente em uma festa universitária, após revelar-se não-binária para um garoto que havia beijado, que em resposta a estapeou, afirmando ser hétero. O garoto foi expulso da festa após o ocorrido.

Angelo, outro participante de 20 anos, que concomitantemente à graduação em Pedagogia, realiza, também, graduação em Psicologia em uma universidade particular, declarou que, nela, a receptividade e a compreensão de sua identidade são bem menores, atribuindo esse fato, principalmente, à diferença geracional dos alunos entre uma faculdade e outra. Segundo ele, na universidade particular, há uma quantidade maior de alunos mais velhos, entre a faixa de 30 e 40 anos, e considera difícil que essas pessoas entendam os “discursos novos” da não-binariedade, ressaltando mais uma vez sua maior disseminação entre jovens. Angelo não faz uso de políticas de nome social, mas Max, participante de 19 anos e estudante de Psicologia, relatou que, logo antes de seu ingresso na universidade atual, pública, cursou Psicologia durante um mês em uma outra universidade particular, mas não conseguiu se adaptar ao ambiente, pois viu que a experiência em relação a sua identidade seria uma batalha diária. Atribuiu essa dificuldade, principalmente, à questão burocrática, pois não conseguiu incluir seu nome social nos sistemas da faculdade.

*Entrevistadora:* “Mas você conseguiu colocar seu nome social na chamada, tudo?”

*Max:* “Não, eu não consegui. Eu... tinha, assim, um ou dois professores que faziam questão de me chamar, né, pelo nome... social, mas... na chamada era tipo, enfim, a pessoa não me conhecia, né, ela, não... não tinha ali uma conexão, a gente não tem

isso na... na... na faculdade particular, eu percebi que é muito escasso, né? Muito diferente da pública.”

*Entrevistadora:* “A integração, você diz, né?”

*Max:* “Sim, né, entre aluno e professor.”

Foram notáveis, também, impactos na qualidade do aprendizado em decorrência da dificuldade em engajar com professores preconceituosos. Ariel é estudante de Letras, de 22 anos, e relatou ter passado por situações desagradáveis envolvendo o uso do nome social na chamada em relação a um de seus professores, que imprimiu as listas de chamada no início do semestre e se recusou a alterar o tratamento frente ao pedido de mudança.

“Tive experiências com os professores que... daí não foram agradáveis, e já é professor que tem histórico de... [...] não respeitar o mínimo... e ser até que meio criminoso, né? E aí tratar a gente como coisas mesmo, eu e meu grupo de amigos. Então... foi ali uma experiência que eu fiquei... Já esperava, pelo histórico que essa pessoa demonstra, porém, é lógico que deu uma baqueada ali, porque... era... coincidiu de ser uma matéria que eu tinha interesse, e isso acabou atrapalhando meu desempenho, porque... eu não tinha coragem de chegar nesse professor e perguntar coisas sobre a matéria... é... ou tirar dúvidas, ou qualquer outro... outra questão, ali, que eu tivesse, sabe, porque eu sabia que eu ia ser tratada como uma coisa, como alguém que não merece esse tipo de atenção, então foi-- criou-se ali uma barreira. Então... foi uma coisa que me atrapalhou... um pouco, talvez se tivesse sido uma pessoa que tivesse mi-- mínimo ali de... de bom-senso, eu poderia ter, tipo, explorado muito mais essa matéria e o tópico. [...] [Respondendo outra pergunta, sobre políticas inclusivas] Eu... submeti [...] pra eles mudarem meu nome... no sistema, e... aí foi uma bênção, porque eu não tava mais aguentando escutar meu *deadname*\* [...]. Aí, agora eu lembrei, que esse professor que eu citei, ele imprimiu a chamada e ele não quis saber, ele botou meu *deadname* lá e ele ficou o resto do semestre inteiro falando... falando o nome... o *deadname*...” — Ariel, 22 anos, estudante de Letras.

\**deadname* = nome morto, como é geralmente chamado o nome de registro civil, com o qual não se identifica mais.

“[Falando sobre situações em que a graduação não foi um ambiente seguro para si] Eu acho que foi mais no sentido desse professor, mesmo, que eu não me sentia seguro dentro da sala, eu não me sentia seguro em exercícios práticos que ele estava incluso lá, que haviam [sic] momentos que... Ai, tinha que ficar no laboratório [...] e aí ele ia tá lá, e aí eu não conseguia ficar... porque eu sentia olhares de desprezo, e tudo.” — Ariel, 22 anos, estudante de Letras.

Eminentemente, a maior parte desses relatos evidencia uma série de ansiedades, tanto manifestas quando inconscientes. A supracitada ansiedade de invalidação perpassa não apenas as relações institucionais com professores, mas, diversas interações cotidianas, devido à série de violências às quais pessoas TNB em geral são expostas, no âmbito das microagressões, assim como das agressões verbais, físicas e psicológicas, que se relacionam intimamente com esse fator de (não) aceitação identitária.

“Eu acho que toda pessoa trans passa por isso, por essa ansiedade de falar com outra pessoa e ela acabar falando ‘Não, mas eu não... não vou usar [nome social], porque eu não quero’, sabe? ‘Porque o seu nome não é esse’, e *et cetera* [sic].” — Alex, 20 anos, estudante de Ciências Sociais

A ansiedade de sofrer agressões explícitas foi um ponto muito presente no discurso dos participantes AMAB (*Assigned Male At Birth*, sigla que compreende pessoas designadas masculinas ao nascimento) como um fator que dificultava explorar confortavelmente suas identidades nos ambientes menos aceitadores, e que apareceu com menos intensidade no discurso dos participantes AFAB (*Assigned Female At Birth*, designados feminino ao nascimento) — embora os únicos relatos de violência mais expressa tenham vindo de pessoas AFAB.

É notável a situação de vulnerabilidade que pessoas AMAB que fogem a esses padrões masculinos cisheteronormativos se encontram neste quesito, sendo o Brasil um dos países mais violentos contra pessoas transvestigêneres, que recorrentemente ocupa a primeira posição mundial em assassinatos de pessoas trans (ANTRA, 2023), tendo como principais alvos travestis e pessoas transfemininas negras. Esses fatores certamente influenciam na formação de um falso *self* como adaptação defensiva às agressões ambientais vivenciadas (Winnicott, 1960/1983), enclausurando-se em uma máscara que proteja contra violências, devido às demandas patriarcais opressivas que coercitivamente exigem sua perpetuação por todos aqueles que considera “homens”, e que, por outro lado, impossibilita vivenciar a totalidade de suas identificações plurais. Mel, de 25 anos, é uma pessoa autista e estudante não-binária de Ciências Sociais e relata um pouco sobre sua experiência na utilização dos banheiros na faculdade.

“[Falando sobre as políticas inclusivas que utiliza] Acho que a outra é mais em relação ao autismo. Eu uso os banheiros PCD\*, que são adaptados, justamente pra não ter que ficar... Tipo assim, se eu tô com barba, por exemplo, ficar entrando no banheiro feminino, porque eu sei que as meninas não... Tipo, eu não quero lidar com o fato de alguém poder-- alguém vir a se estressar, ficar ofendida que eu estou no banheiro, sei lá... Não, que eu ligue pra a pessoa ficar ofendida ou não, mas, tipo, não... às vezes você tem tanta coisa na sua graduação pra você fazer que você não quer lidar com mais um problema, então, tipo, você só quer ir no banheiro. Aí eu vou no... no PCD mesmo. Isso é uma coisa que eu já fazia há muito tempo, inclusive, e... enfim, eu posso fazer isso porque... eu sou PCD” — Mel, 25 anos, estudante de Ciências Sociais.

\*PCD = Pessoa Com Deficiência

“Existe uma... uma pressão, né, para as pessoas trans não ficarem na faculdade, [...]. Meio que... força você a ficar mais cansado do que o normal. [...] Eu acho que, nesse sentido, sim, psicologicamente te afeta, mesmo que não tenha um perigo físico... de alguém querendo quebrar uma lâmpada em você, por exemplo. [...] Eu acho mais essa questão sistêmica mesmo” — Mel, 25 anos, estudante de Ciências Sociais.

Mesmo com a crescente, embora lenta, aceitação popular disseminada entre grupos menos conservadores, o país segue ainda uma tendência global de aumento na violência contra pessoas transgênero, principalmente em vista do também rampante crescimento de movimentos neofascistas de extrema-direita abertamente contrários a pessoas LGBTQIAPN+ e outros grupos minoritários, utilizados como bodes expiatórios de exclusão e desumanização para fortalecimento de identidades a partir do ódio à diferença. A discussão acerca do uso de banheiros têm sido palco fértil para propagação de medo e ódio, demonstrada pela condenação recente de um deputado federal por divulgar um vídeo expondo e criticando uma adolescente transgênero que utilizava o banheiro feminino na escola em que estuda, com intenções claramente vexatórias e difamatórias contra a garota (Marzullo, 2023), mas, também, inflamadoras dos preconceitos de sua base de apoiadores e da população geral.

Esse aspecto de ódio à diferença, embora crescente, certamente não é algo novo, e é comumente encontrado dentro de casa, nas relações intrafamiliares, responsável por inúmeras desavenças relacionais comuns a pessoas LGBTQIAPN+, em geral. A falta de segurança dentro da própria casa, presente muitas vezes desde a infância, impele fortemente à criação de um falso *self* que apazigue os critérios de agressão do outro, especialmente quando há dependência financeira e emocional da família.

*Max:* [Falando sobre a faculdade] Isso não é questionado lá. A minha identidade não é questionada em momento algum, ao passo que, por exemplo, me sinto extremamente desconfortável, né, com parentes, né, que eu tenho que me desacostumar com isso, né, com essa cordialidade e... apresentar, mesmo que assim, numa variação de diminutos... é... apresentar, assim, o comportamento que... é... ah, que eles estão acostumados, né, que é mais contido, que é mais feminino, né... hã... enfim, dentro do que eu consigo ali fingir, né, e... [...] não acabar, né, abordando, porque todos os meus parentes são de extrema direita... (Risadas). [...] Pela minha família ser católica... ser muito, assim... é... não é uma família que expõe, uma família que esconde... tanto nas questões em relação a dissidência de sexualidade—  
*Entrevistadora:* Uma família conservadora.

*Max:* Sim... [...]. Com relação a questões de saúde mental ainda é muito tabu também, né, você vê que... é geral... essa... essa evitação. Então, por muito tempo, eu não... e acho que até hoje... né, eu ainda, assim, não sei, é... em que águas estou pisando, né, não sei... é... enfim, tinha muito medo de dar um passo em falso...

“Em relação à minha mãe, eu tô tentando desvincular alguns afetos da figura dela, assim, em relação à necessidade de aprovação, e... dependência... e medo, também, medo dela não me aceitar, medo dela... enfim, ter uma imagem... torta de mim. E passar a viver mais por mim mesma. Porque eu passei a infância e a adolescência inteira vivendo tendo ela como parâmetro... é... e as expectativas dela. E isso até que é recente, assim, até... uns dois anos, três anos atrás eu tava tentando atingir a expectativa dela, me forçando nesse padrão binário, sabe, me forçando numa relação hétero que não me cabia, então... é... E agora eu tô bem melhor” — Pri, 24 anos, estudante de Psicologia.

Como esperado, o aspecto de residir longe dos pais apareceu como uma experiência positiva para a exploração mais plena das identidades. Novamente, a experiência da comunidade estudantil como um grupo de maior aceitação a dissidências de gênero traz a segurança de que não serão julgados ou punidos ao explorarem sua identidade, permitindo uma maior autocompreensão, de maneira mais geral, assim como o desenvolvimento de relações mais saudáveis consigo próprios.

“Ai, eu... eu com certeza... eu mudei muito, porque antes eu não tinha... é... por exemplo, a mesma visão que eu tenho agora, eu não tinha muito contato com espaços diferentes... e aí, depois que eu vim pra cá, e eu fiquei... fora da casa dos meus pais, né, que acaba sendo um ambiente... que é mais controlado ali, né? Tipo... é... Depois que eu fui pra fora, e eu vi realidades totalmente diferentes da minha, eu senti uma liberdade muito maior de, tipo, pensar em refletir quem eu sou, é... e... foi nessas que eu me entendi... é... ser não-binário de uma maneira que não fosse dolorida, assim, que não doesse tanto em mim, e que eu não me machucasse... e... que eu entendesse mesmo como um símbolo de resistir... a cada dia assim. Foi... foi depois, né... tipo, atualmente eu penso mais assim, do que antes que eu via mais como uma dor, como... como só ‘Ai, eu fracassei, eu sou o fracasso da família, meu Deus do céu’, tudo... Não que às vezes não venham esses tipos de pensamento na minha cabeça, porque vêm (Risadas). Mas... eu acho que não é... não é mais assim que eu me resumo, sabe? Eu... respeito muito mais eu mesmo, assim” — Ariel, 22 anos, estudante de Letras.

Outro aspecto interessante observado durante algumas das entrevistas foi a de generalizações de aspectos negativos da experiência com o gênero como universalização inconsciente do sofrimento, identificada como uma possível estratégia para lidar com as próprias crises a partir da ação de mecanismos de identificação projetiva. Ao projetar no grupo experiências negativas individuais com a própria identidade — principalmente no caso de disforias — possibilita-se um alívio das tensões sentidas ao associar o desconforto como algo relativo à identificação geral; uma experiência grupal, e não individual, e ademais, pertencente a um grupo de pares que se apoiam — uma rede de apoio —, fator importante para facilitar o processamento (*working-through*) dessas ansiedades.

Notavelmente, em diversos momentos os participantes imediatamente se corrigiram no discurso ao realizar essas generalizações, afirmando tanto o caráter inconsciente que motivava esses mecanismos, quanto a noção consciente de que a não-binariedade agrupa uma infinidade de identificações que pode fugir a noções preconcebidas sobre desconforto corporal, e que seria incoerente agrupar vivências dessa maneira, sinalizando, também, por outro lado, possíveis tendências depressivo-reparativas de maneira mais ampla, pela preocupação com o objeto e com os danos causados por essa projeção do objeto persecutório, que poderiam

danificar em fantasia “pessoas inocentes”, nas quais essa autoagressão não se encontra presente.

“Acho que por toda a pressão, assim, externa, e toda a invalidação de tanto, tipo, de pessoas cis, pessoas hétero, de pessoas trans, também, acaba sendo uma coisa que você traz pra si mesmo, né? Eu trouxe muito isso pra mim, tipo de ‘Ah, eu uso roupas femininas, eu acho que eu-- acho que eu sou cis mesmo, acho que eu, tipo, só tô fazendo graça, sabe? Então até pouco tempo atrás, por incrível que pareça, eu tinha esses tipos de pensamento ainda, e sinto que, atualmente, a minha relação comigo mesmo é de mais cuidado. É de mais... assim, el- é, o autocuidado, assim, de mais amor comigo, de olhar assim e falar ‘Não, eu sou assim’, sabe?. Às vezes pode ser incômodo, porque, tipo, disforia e esse tipo de coisa são coisas incômodas mesmo, e todas as pessoas trans passam por isso. [Corrigindo] Não todas, mas a maioria... E... e tipo... é... é uma si-- é uma coisa que eu tenho que aceitar, sabe?” — Alex, 20 anos, estudante de Ciências Sociais.

Esse fenômeno de generalização, no entanto, é algo cotidianamente observável também na cisgeneridade, e em grande parte relativo às próprias falhas de um sistema performativo, no qual o gênero precisa ser constantemente e corretamente reiterado para ser produzido (Butler, 1990/2003), e que, em decorrência, causa ansiedade quando há desacordos entre a performance esperada e a autoimagem. Basta imaginar o cenário comum tanto a homens quanto a mulheres de se sentir insatisfeito e insuficiente quanto a certos atributos denotativos de seu gênero, e que, em resposta, ao sentir a fragilidade de sua identificação, reafirmam-se, dizendo que “Toda mulher/Todo homem se sente assim”, e reforçam, no mesmo movimento, a própria identidade pela identificação grupal com esse desconforto.

Retomando a partir do relato a ansiedade de invalidação, esse elemento parece ser atravessado pelo questionamento subjacente “sou suficientemente trans/não-binário?”, que aflige os participantes com recorrência. Embora seja um questionamento em parte autodirecionado, é evidente que se origina na normatividade cisbinarista socialmente perpetuada, e que segue invalidando não apenas as identidades que se encontrem no interstício de suas categorias, mas qualquer modo de subjetivação que fuja aos estritos modelos imputados desde antes do nascimento. Por uma ótica kleiniana, essa ansiedade pode ser vista em termos da introjeção de objetos persecutórios e idealizados, e de seu estabelecimento como objetos internos, a partir dos quais se edificam o Superego (assentado no objeto persecutório) e o ideal do Ego (assentado no objeto idealizado) (Klein, 1948/1984b).

Há várias camadas envolvidas na produção desse tipo de ansiedade. Considerando a inserção desde a infância em um sistema patriarcal cisheterobinarista e a conseqüente assimilação dos protótipos masculinos e femininos enquanto opostos, profundamente

cindidos, contradizentes e complementares, que é realizada a partir da introjeção das figuras de referência (*Id.*, 1945/1984a, 1948/1984b) — sejam cuidadores, professores, parentes, personagens da mídia, etc. —, a construção do ideal do Ego, baseado no objeto bom introjetado, desde seu início inclui aspectos gendrificadas, profundamente arraigados, da identificação com essas figuras, e que resultam em uma censura e autoagressão superegoica às inadequações a este ideal, seja em decorrência de identificações cruzadas ou insuficiências frente aos parâmetros impostos. O resultado é uma ansiedade persecutória profundamente gendrificada, que atua nos processos disfóricos e que fragiliza identidades que fujam aos limites dessas identificações binárias.

Evidentemente, um movimento de resposta comum, neste caso, é buscar novas figuras que representem essa possibilidade de fuga, fortalecendo o *self* e trazendo uma conexão mais positiva com a própria identidade. Na maioria dos casos, no entanto, a ordem se inverte: é o próprio contato com essas figuras questionadoras que possibilitam a fuga, em um sistema inerentemente coercitivo e violento, que invisibiliza diferenças.

“[Comentando sobre figuras de referência] Na adolescência, assim, eu diria que mais algumas mulheres trans que eu vi, tipo... eu me identifiquei bastante, que foi a... a Mandy Candy, né... [...]. Ela foi a primeira, tipo, influencer trans que eu conheci, assim, e, tipo, foi a minha primeira identificação, assim, com a palavra trans, no geral. E... eu acho que tipo, isso também foi mais pra minha pré-adolescência, assim. Eu tinha mais ou menos uns... uns, acho que, 14 anos, talvez, quando eu conheci uma outra influencer, também, que é a Bryanna Nasck, e, na época, ela... ela usava o nome de registro dela, e eu achava que era-- que ela era tipo um homem gay, sabe? E, aí, quando eu fui pesquisando mais o conteúdo dela, eu vi que ela era uma pessoa não-binário, e ela explica muito sobre isso, ela sempre explicou muito sobre isso. E, naquela época, como eu falei, tipo ninguém falava sobre isso, então... também foi uma pessoa que, assim... fez eu me identificar bastante, assim, e tipo, depois de um tempo eu associei que ‘Nossa, essa identidade realmente se parece comigo, sabe?’” — Alex, 20 anos, estudante de Ciências Sociais.

*Angelo*: Acho que o único foi o David Bowie, nessa... nesse começo dessa transição, nessa questão do... da estética.

*Entrevistadora*: [...] Tem algum evento que te marcou muito em relação ao David Bowie? Alguma coisa mais... algum relato, alguma coisa assim?

*Angelo*: Nossa, eu comecei a escutar ele, foi no começo da transição. ‘Esse é o cara mais estiloso que eu vi na minha vida. Eu vou ser ele agora’.

*Angelo*: [Posteriormente, retomando o tópico] Mas... o David Bowie, eu... parei de ver ele mais como uma inspiração, só pra... como um artista. Ele foi importante pra... me consolidar meu estilo, minha aceitação, eu pensei ‘Pô... O cara é foda. Ele é assim, então tá tudo bem. Pessoas foda podem ser assim’. Mas eu vejo as pessoas diferentes (sic) agora. Os artistas, eu não vejo mais como homem ou como mulher, eu vejo como pessoas.

Mesmo com a posterior introjeção e assimilação dessas figuras inspiradoras que representem essa fuga, ainda é difícil desligar-se totalmente desses aspectos introjetados, pois estão presentes a toda volta no mundo externo. Os conhecidos processos de desconstrução

desses protótipos são dificultados pela realidade material opressiva e binariamente gendrificada à qual estamos submetidos no cotidiano, e implicam em uma verdadeira e constante luta contra a dominação patriarcal, para escapar de suas garras e reafirmar-se contra seus valores desviados na relação consigo e com os outros.

“Recentemente (Risadas) eu li o livro do Paul Preciado, o *Eu sou o monstro que vos fala*, e aí eu fiquei assim: ‘Meu Deus do céu, eu preciso tá aqui resistindo, lutando, não sei o que lá’, só que ao mesmo tempo eu também fiquei ‘Caralho, que bosta’, porque tem toda a discussão de... tipo... é... o cotidiano mesmo... Tipo, ah, eu vou num hospital, e o meu documento não tá o meu nome lá, e eu tenho que me responder por uma outra pessoa, e aí eu tenho uma crise de identidade, fico ‘meu Deus do céu’, e aí tem todas essas barreiras assim, documentação, sei lá, que a gente acaba usando no cotidiano e que, tipo, me pega muito, assim. Porque parece que, toda hora, o mundo reforça que eu não sou quem eu sou, mas, tipo, eu sei quem eu sou, tipo, é só que... o mundo não-- É, o mundo foi feito pra pessoas cis, e eu não sou cis. Mas tem formas cotidianas de resistir também, é que nem eu falei, que... acho que a minha maior base, assim, de resistência são meus amigos” — Ariel, 22 anos, estudante de Letras.

Na presença de um ambiente recorrentemente inseguro, no qual prevalecem os ataques ao *self*, como costumam ser as vivências de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil, a experiência do objeto persecutório é potencializada, assim como a sua internalização na fantasia, derivada dos processos introjetivos (Klein, 1946/1984b). Considerando que a perseguição do Superego é proporcional à perniciosidade do objeto mau introjetado (*Id.*, 1952a/1984b), certamente pessoas inseridas em contextos violentos a sua construção de subjetividade, que são recorrentemente desencorajadas e invalidadas ao se expressarem, desenvolvem uma autoagressão correspondente a esse processo, possivelmente explicativa dos processos disfóricos. De certa maneira, a internalização da crítica e a potencialização da autoagressão a partir da introjeção do objeto mau também permitem que a perversidade das agressões ambientais seja comparativamente percebida como menor ou comum, “acostumando” o indivíduo à situação de violência como estratégia defensiva (*Id.*, 1946/1984b), de modo similar aos mecanismos descritos por Ferenczi em *Confusão de linguagens entre os adultos e a criança*.

Esse processo se aproxima da construção de um falso *self*, já que ambos são formações defensivas tomadas pelo ego frente a condições adversas ao seu desenvolvimento, mas que buscam, acima de tudo, a sobrevivência do *self*. Como colocado por Winnicott, nos casos menos severos, mais próximos à normalidade:

O falso *self* tem como interesse principal a procura de condições que tornem possível ao *self* verdadeiro emergir. Se essas condições não podem ser encontradas,

então novas defesas têm de ser reorganizadas contra a expropriação do *self* verdadeiro, e se houver dúvida o resultado clínico pode ser o suicídio. Suicídio nesse contexto é a destruição do *self* total para evitar o aniquilamento do *self* verdadeiro. (1960/1983, p. 131)

O raciocínio se aplica igualmente aos processos introjetivos citados: a intenção é sempre adaptativa frente aos desafios impostos pelo ambiente, para proteger o *self*. A agressão superegoica é um subproduto, um resíduo indesejado, porém visto como o único caminho para que o ego se prepare contra futuros ataques. Nitidamente, a estratégia traz consigo uma série de perigos para o próprio indivíduo que busca proteger, já que, tentando escapar da aniquilação, castiga a si próprio e, precisamente, distancia-se da satisfação em vivenciar a plenitude de suas identificações, associada, na maior parte das vezes, como a própria causa dos ataques.

“Porque assim.., é aquilo, na questão do dia-a-dia, uma pessoa que não me conhece virar e falar ‘moça’... Eu.. eu não sei quem é aquela pessoa, essa pessoa não sabe que eu sou não-binário, então... é uma coisa que, tipo, eu já espero. Mas dentro de um convívio assim, é... é uma coisa que eu não... me permitia [...] ter esse posicionamento antes. Se alguém me chamava no feminino, eu falava ‘Não, tá tudo bem’, mesmo que aquilo me incomodasse. Então eu acho que essa foi uma situação que reafirmou muito pra mim a minha identidade, porque eu percebi que, tipo, eu não preciso estar me vestindo de forma masculina pras pessoas me respeitarem, sabe? E... foi... foi, tipo, a única vez em todo o meu processo, assim, de entendimento enquanto gênero-fluido que eu me permiti ter uma atitude dessa e me permiti falar ‘Não, eu mereço respeito das outras pessoas’” — Alex, 20 anos, estudante de Ciências Sociais.

Apesar desse movimento, reiterando outra parte da colocação de Winnicott, a busca pelas condições favoráveis e seguras para a expressão do *self* verdadeiro quanto ao gênero foi um fator presente em todas as entrevistas, em muito exemplificada pela busca e o encontro de uma comunidade aceitadora, que em geral continha outras pessoas TNB. O apoio mútuo forte demonstrado nas dinâmicas intragrupoais permite a emergência de relações depressivo-reparativas, que, possivelmente, acarretam também melhoras na relação com a própria identidade, similar ao raciocínio “se o outro merece bom tratamento, eu também mereço/devo merecer”, vice-versa.

“Acho que eu consigo falar mais do presente... que seria, tipo, no caso do... tipo, do filme do Orlando [*Orlando, Minha Biografia Política*] e também dos textos do Preciado, que tipo, isso acabou-- é que eu vi mais recentemente, e isso impactou no meu ciclo de amizade, e como eu me impactei, e me transformei, então vou conseguir falar melhor. Mas... acho que através, tipo, dessas referências, assim, eu comecei a ser... é... mais cuidadoso comigo e com quem tava na minha volta, e... até né, na hora de discutir sobre, e tipo, conseguir apoiar uma pessoa que tá passando por uma situação, sei lá, de disforia, ou de... qualquer outra [...]. Quando, sei lá, um

dos meus amigos tá em alguma questão de crise, assim, e tipo ‘Ai, meu deus’, tá passando por uma disforia, um problema de família, nananá nananá, eu senti que essas reflexões conseguiam me dar um suporte, tanto pra mim, quanto pra tipo, conseguir ajudar essas pessoas, assim. Porque... esses livros, eles acabam sendo muito, tipo, é um suporte mesmo, sabe, tipo, a gente lê aquilo e a gente vê que não tá sozinho, e a gente acaba refletindo muito de como essas relações elas acontecem, e por quê. E da maneira como a gente... trata nosso corpo, também, e a partir disso eu senti que eu consegui apoiar bem melhor o meu ciclo, e até eu mesmo, assim, tipo, a maneira como eu tô (Pigarro) me colocando nesses espaços” — Ariel, 22 anos, estudante de Letras.

Evidentemente, em uma perspectiva kleiniana, como a adotada até o momento, as relações objetais pressupõem danos aos objetos com os quais se relaciona, causados tanto causados pela agressividade do ego quanto pelo próprio ambiente. A ocorrência de processos positivos e negativos de identificação projetiva nas relações objetais — e, em especial, mas não exclusivamente, a projeção do objeto interno persecutório —, contraposta à preocupação com o estado do objeto, frente à perversidade do objeto persecutório projetado e os possíveis danos causados na fantasia a esse objeto valorizado em questão, geram no indivíduo uma busca inconsciente para repará-lo e mantê-lo em boas condições (Klein, 1948/1984b), afinal, devido aos processos projetivos mencionados, ele também representa e contém partes amadas do *self*, transferencialmente utilizadas para o estabelecimento da relação de amor com o objeto (*Id.*, 1952a/1984b), e seu vigor e boa condição são essenciais para a sobrevivência e o desenvolvimento do ego que dele depende (*Id.*, 1946/1984b). Sua posterior reintrojeção, etapa comum do ciclo dinâmico das relações objetais, traz consigo uma certa solidez resiliente para o mundo interno do indivíduo, incorporando-o como um objeto amado que sofreu a agressão do objeto mau, mas foi capaz de perseverar com os impulsos amorosos e reparadores direcionados a ele (*Id.*, 1940/1984a, 1952b/1984b). Assim, a potência da destrutividade do objeto mau é diminuída na fantasia, e o caminho se abre para que o indivíduo possa explorar de maneira mais segura sua própria identidade (*Id.*, 1940/1984a).

“Eu convivo com muitas pessoas não-binárias. Tipo... o meu antigo grupo de amigos era praticamente composto de pessoas não-binárias e a gente se, tipo, identificou junto, sabe, no ensino médio, e, tipo, foi uma coisa que assim, tipo, sempre me gerou muito essa sensação, tipo, de conforto, porque muitos deles não se importavam muito com a vestimenta, sabe, tipo... E... acho que principalmente, tipo, eu namoro uma pessoa não-binária também, então, acho que desde que a gente se conheceu, ela é uma pessoa que... que, tipo, também, traz esse... [...] às vezes esses estigmas na cabeça, sabe, de... ‘Nossa, mas se eu usar isso vão me achar muito masculino’... Aí eu falo tipo, ‘Não tem problema, sabe, você é não-binário.’ [...] Porque ela tem muito medo de usar, tipo, em algumas situações, muito medo de ser... de parecer muito trans, e em algumas situações de parecer pouco trans, sabe, e eu entendo muito isso, porque às vezes tipo, tem, por exemplo, festa trans, ou coisa parecida, tipo, com ingresso trans no caso, e você fica tipo, ‘Nossa, e se pensarem que eu sou cis, na verdade’, mas tipo, você tem que se vestir do jeito que você quer, sabe, isso

não influencia... você continua sendo uma pessoa trans. Então acho que por a gente ter essas experiências parecidas, um vai, assim, ajudando o outro, falando tipo, não, nada a ver isso, sabe, não pensa nisso. Então, tipo, [Falando sobre as figuras de referência] acho que-- a gente também acompanha, tipo, essas mesmas pessoas, e acho que elas são muito importantes pra essa minha relação, tanto com a minha namorada, quanto com a minha melhor amiga também, que também é não-binário, e ela é uma pessoa que também, tipo, sempre se veste, tipo, simplesmente da forma que ela quer, sabe? E tipo, ela, ela sempre, tipo, deixa muito claro que ela é não-binário para qualquer um que... que venha falar, tipo, o contrário, por conta dos estereótipos, sabe? E... e, tipo ela também é uma pessoa que... que, tipo, me dá muita... [...] muito um exemplo, assim, pra mim, né? Porque desde o início, de quando a gente se identificou junto no ensino médio, tipo, e ficou 'Nossa, acho que eu sou não-binário', tipo... o outro 'Ah, nossa, isso faz muito sentido pra mim também', foi muito uma coisa que desde... desde aquela época até hoje, ela nunca, tipo, mudou os seus padrões de vestimenta, ela sempre vestiu o que ela quis, e sempre foi muito um exemplo pra mim de tipo 'Ah, eu posso fazer o mesmo', sabe? Eu continuo não vendo ela como uma mulher, e assim como, tipo, as pessoas... podem ver ou não, mas eu não me vejo, então, é o que importa, sabe?" — Alex, 20 anos, estudante de Ciências Sociais.

Retomando o aspecto das figuras de referência, quando perguntados diretamente, foram citadas com leve prevalência figuras distantes como aspirações, ficcionais (personagens de filmes, desenhos animados, jogos, quadrinhos) ou parassociais (influenciadores digitais, figuras históricas notáveis, artistas, teóricos de gênero), principalmente presentes durante a infância e a adolescência, mas, também, durante o momento atual. Em geral, essas figuras citadas, mesmo que fossem cisgêneras, pareciam expressar ou serem associadas a algum aspecto de não-conformidade de gênero — talvez por uma expectativa transferencial quanto ao tema da pesquisa e o assunto geral abordado — que possibilitou a ampliação dos horizontes de potencialidade do ser dos participantes.

Menos figuras próximas do cotidiano foram citadas diretamente como referências ou aspirações na construção do gênero, em resposta à pergunta específica sobre esse tópico. Não significa, no entanto, que figuras próximas não tenham sido citadas — já que apareceram diversas vezes ao longo dos demais relatos —, ou que não foram reconhecidas em sua importância; apenas ocupavam mais o papel de suporte, e não tanto de inspiração/aspiração. Notavelmente, um dos participantes, Alex, além da amiga supracitada, trouxe também como referência uma pessoa conhecida, amiga de sua mãe que participou de sua criação, a ponto que a considera como outra figura parental, e que recentemente descobriu-se como pessoa não-binária.

"Nossa, hoje em dia tem... assim, acho que tem muitas pessoas, principalmente do Instagram, assim, que eu acompanho, que... que são referência para mim. Acho que, assim, de uma pessoa real que eu posso falar, é... mais da minha vida, assim, é que a minha mãe tem uma amiga-- amigue, né, que se identificou como não-binário recentemente, sabe? E ela é uma pessoa que eu sempre admirei, assim... sabe? E a

gente sempre se deu muito bem, é como se fosse uma segunda mãe pra mim, eu sempre falo, sabe? E tipo... é... é uma pessoa que, tipo, quando eu entendi isso, sabe, quando ela falou pra mim que ‘Ah, nossa, eu... eu sou não-binário’, tipo... foi... foi assim, uma referência, assim, que... me fez me sentir mais acolhido, eu acho, porque ela é uma pessoa que sempre foi referência pra mim, independente de ser não-binário ou não. Eu acho que ter essa identificação me fez sentir muito... assim, sabe, que eu não tô tão sozinho, sabe? Principalmente porque... é uma pessoa mais velha, que se identificou agora, e... isso é bem, assim, incomum, assim” — Alex, 20 anos, estudante de Ciências Sociais.

É inegável, no entanto, que essas figuras próximas tenham desempenhado papéis importantes nesse processo, tanto ao estimular os processos de questionamento, em alguns casos, como em prover um ambiente de suporte para a exploração, em outros. Presumidamente, a diferença na concepção entre figuras parassociais e próximas quanto à referência seja pelo aspecto de influência mútua na relação, que não se encontra visivelmente nas relações com figuras distantes — embora possa existir inconscientemente, em fantasia —, e na participação desse processo no caráter depressivo da relação com os objetos. A solidez percebida nas figuras distantes pode ser explicada justamente por sua inacessibilidade hermética, que os impede de sofrerem danos na fantasia — ou de minimamente demonstrarem reações aos ataques (*Id.*, 1940/1984a) —, sendo, também, mais suscetíveis a idealização, já que são expostas menos facetas de sua existência concreta que permitam rupturas dessas expectativas colocadas.

Isso implica também em diferenças fundamentais quanto aos seus impactos na subjetividade e na qualidade das relações objetivas estabelecidas. Talvez, por essa distância e idealização, essas figuras distantes sejam melhores candidatas a constituírem o Ideal do Ego. Por outro lado, impactam menos na integração e na segurança na própria identidade, se comparadas a uma rede de apoio bem estruturada.

Embora figuras familiares e parentais, em geral, tenham sido identificadas como figuras pouco compreensivas quanto às identidades não-binárias, diversos participantes trouxeram irmãos como figuras de apoio muito importantes dentro do núcleo familiar, reiterando, de certo modo, o aspecto geracional da compreensão e da aceitação da não-binariedade. A proximidade das vivências foi um fator destacado para o estabelecimento do companheirismo, sendo comumente identificados como pessoas nas quais poderiam contar.

“A minha relação com o meu irmão acho que foi a que mais mudou, porque... eu acho que antes eu tinha muito essa coisa de... tipo, ter ele como uma referência, e tipo, eu achava as coisas que ele gostava muito maneiras, e num sei o que lá, aí eu queria ser assim, que nem ele, porque eu acho que é uma coisa meio que tipo assim ‘Ai, o meu irmão mais velho... Nossa, como ele é descolado’, e tals. E, hoje em dia, tipo, eu não sinto mais isso, tipo, mesmo a gente tendo a diferença de idade, e tudo,

eu sinto uma aproximação muito maior... é... com ele, tipo, eu não sinto esse distanciamento, assim, de idade, e... Eu também acabei-- de um tempo pra cá, eu acabei tendo uma proximidade com ele, porque... eu acabei falando sobre a minha identidade com ele, e... ele foi... tipo ele teve a melhor reação possível, que foi 'Ah, legal... Você assistiu *Game of-- A Casa do Dragão*? Tem uma atriz lá que é não-binário' e mandou uma foto de um dragão comendo uma pessoa, sabe... E aí eu achei muito (Risadas) achei fofinho, e, ao mesmo tempo, achei engraçado, porque é o jeito dele de se expressar, assim, tipo, ele não se expressa muito, tipo... ele não vai fazer um p\*\*\* de um texto motivacional, e tals, é tipo, é muito dele isso, é tipo... ter esse tipo de reação, e ele também sempre se-- tipo, [...] ele demonstra tá ali... pra mim, assim... e... [Pausa] me apoiar, né, e... tipo... e aí ele também já falou assim, é... ele não é uma pessoa muito de, tipo... né, de declarações, e não sei o que lá, mas [...] a gente já conversou sobre... como eu me sinto, tals, e... e aí ele falou que sente muito orgulho de mim, tudo. E aí a gente teve uma conversa muito... muito aberta, assim. E aí tipo, essa relação-- eu acredito muito que a nossa relação mudou porque a gente conseguiu se abrir e aí [...]. Ai, não sei explicar, tipo, [consequimos] falar dos sentimentos, e tudo..." — Ariel, 22 anos, estudante de Letras.

"Uma figura que entrou na minha vida foi a minha irmã, porque eu nunca fui próxima dela, mas há uns anos atrás, assim, a gente se aproximou muito, e aí, hoje, eu digo que ela é a pessoa que eu mais amo e a pessoa mais importante na minha vida também, e... a pessoa que mais me apoiou, assim... Sem dúvidas a pessoa que mais me apoiou, mesmo sem entender o que tava acontecendo, e... e... Ela me protegeu e cuidou de mim quando eu não tinha condições de fazer isso, e... Eu não sei o quão bem ela lida com as minhas questões de identidade, mas a gente já conversou sobre isso... de forma um pouco indireta algumas vezes. Com relação à sexualidade, ela pareceu lidar bem. Ela inclusive se desculpou por algumas questões da sexualidade que eu tive com a família durante a adolescência, que, na época, ela era muito nova, e a gente não... era próxima, então a... a gente não conversou sobre isso, Aí, tipo... agora, anos depois... sete anos depois, ela veio pedir desculpas, sabe, então assim, estamos reconstruindo algumas vivências que a gente teve no passado... e... ela já me tratou no [gênero] neutro algumas vezes, assim, eu nunca falei sobre questões de gênero com ela... e ela já falou, então-- ela pega coisas no ar. Ela é muito esperta e ela sempre me apoia, então... a minha relação com ela é muito boa e ela é a minha inspiração e minha referência em muitos pontos" — Pri, 24 anos, estudante de Psicologia.

"Eu acho que a pessoa mais importante quando eu tava crescendo, tipo, de formadora, assim... da minha personalidade, das coisas que eu gosto foi o meu irmão mesmo. E... acho que ele é a pessoa-- da minha família, ele é com certeza a pessoa mais próxima que eu tenho, acho que... acho que... acho que até, sei lá, com uns 15, 16 anos, ele foi a pessoa mais importante, assim, pra eu me entender como... pra eu entender a pessoa que eu sou." — Afrodite, 20 anos, estudante de História.

Outro aspecto de importância ressaltado foi quanto à dimensão política da identidade não-binária e da própria permanência estudantil e a ocupação dos espaços universitários por pessoas TNB como ações revolucionárias. Embora seja, como tratado anteriormente, um espaço de questionamento de preconceitos, a universidade, em geral, ainda é pouco acessada e acessível a pessoas trans e não-binárias em geral, considerando também os índices de evasão escolar, principalmente dentre a população travesti e transfeminina.

Resgatando o relato de Mel, há uma pressão, principalmente realizada por movimentos conservadores, para que pessoas trans permaneçam fora da universidade, muito evidente na

veiculação de notícias difamatórias dos ambientes acadêmicos, quanto à caracterização de suas atividades — especialmente aquelas relacionadas às identidades LGBTQIAPN+ — como balbúrdia, politicagem, doutrinação, entre outros nomes utilizados. Isso impacta diretamente no senso de pertencimento de estudantes que se identificam com essas identidades, afinal, a produção de conhecimento, o próprio *falar sobre*, e viver publicamente suas identidades é julgado, visto como contraproducente, e utilizado como pretexto para a realização de cortes nos repasses discricionários à universidade, que prejudicam não apenas a si, mas a toda a comunidade estudantil. Em muitos aspectos, as vivências TNB em geral trazem consigo uma certa solidão, pela segregação constantemente produzida pelos discursos discriminatórios, crendo, em muitos casos, que estão sozinhos, que suas vivências são incompreensíveis: marginais, inexistentes, erradas. Como trazido por Ariel, que o mundo não é lugar para si, mas para *cis*. No entanto, a potência das universidades em promover espaços de união e de comunidade foi asseverada, enquanto um ambiente politicamente engajado na integração e na produção de conhecimento, experiências, e mesmo de arte, e isso demonstrou-se como um elemento impactante para o senso de pertencimento e de comunidade dos estudantes.

“O encontro que teve no mês da visibilidade trans foi ali o ápice pra mim, é... porque [...] tava perto, ali, do momento que eu entrei na universidade, eu tava conhecendo os espaços, tudo, assim, tinha virado o ano [...] e aí logo depois [...] já teve o evento, e aí eu nunca tinha... nunca ido em um evento com pessoas trans, voltado para pessoas trans, mostrando as artes, os textos, tudo... e aí eu... assim, o olho brilhou, né, e aí eu falei ‘Meu deus, olha quanta gente tem aqui’, né, quanta gente resistindo no mesmo espaço, falando... é... se expressando de várias formas, assim, tipo, tanto coisas boas quanto coisas ruins, mas que, tipo, são coisas que, tipo, eu sinto também, e que faz [sic] parte do meu cotidiano, e são, tipo, conflitos que eu tenho, tudo, e eu vi que não sou só eu... e... tem várias pessoas ali. É... comprei várias artes de várias pessoas, porque eu me empolguei, e, tipo... sei lá, foi, uma-- foi assim uma experiência que... eu... particularmente acho que foi uma das melhores experiências que eu tive na universidade foi esse evento, porque... eu acho que foi um dos espaços que eu mais me senti, assim, acolhido sem conhecer as pessoas... [Pausa] É... e eu tive a oportunidade de conhecer, tipo, quem são os [inaudível] que estão na universidade, que são trans também, e eu vi vários não-binários também, e eu fiquei ‘[Encenação dramática] Meu deus do céu... os não-binários estão aqui... senhoor, eles existeem, e eu existo também’, então foi muito legal” — Ariel, 22 anos, estudante de Letras.

Via de regra, os estudantes relataram-se satisfeitos com as políticas inclusivas utilizadas, dentre as oferecidas pela universidade, principalmente quanto ao nome social, com exceção das experiências negativas marcantes, mas em geral isoladas. Poucos relatos foram feitos a respeito de banheiros inclusivos. Apenas uma participante, Pri, de 24 anos, estudante de Psicologia, trouxe a respeito de um banheiro sem designação de gênero em seu campus, que costuma utilizar quando possível. Destacou-se, no entanto, um relato grave de experiência

negativa com a alteração de nome nos sistemas: Mel, estudante de Ciências Sociais, retificou legalmente seus documentos, mas teve problemas com esse procedimento nos sistemas de sua universidade, que inseriu seu nome morto em todas as documentações acadêmicas e se recusou a alterar para o nome retificado, mesmo com o processo legal já concluído.

“A universidade simplesmente botou o meu nome morto em todos os lugares possíveis, e... mesmo o meu nome já tendo retificado, eles não botaram em nenhum lugar que... que é pra tar não-binário o sexo, né, e tals [...] mas... tamo aí, e até hoje eles não arrumaram” — Mel, 25 anos, estudante de Ciências Sociais.

“[Falando sobre o uso de políticas inclusivas] É, eu faço meio que a contragosto, do... da questão do nome social, porque teoricamente já tá arrumado-- já tá retificado o meu nome, então tipo, não era pra existir o nome social enquanto... Não era pra existir nome social. Era pra você conseguir arrumar direto o seu nome e não ter... dor de cabeça com isso” — Mel, 25 anos, estudante de Ciências Sociais.

Notavelmente, isso se constitui como uma violência sistêmica grave, especialmente considerando postura de inclusão propagada pela universidade em questão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os diversos problemas vivenciados, em geral, as universidades foram compreendidas como ambientes seguros para a exploração das identidades pelos participantes, confirmando a hipótese geral da pesquisa. O intercâmbio cultural e o encontro de uma comunidade aceitadora, possibilitados pelo ambiente acadêmico, foram levantados como aspectos importantes para o desenvolvimento de segurança e de aceitação da própria identidade, assim como de relações de cuidado consigo próprios e com pessoas próximas, estruturando redes de apoio importantes na manutenção recíproca da saúde mental. Além disso, foram ressaltadas a liberdade para se expressar sem julgamentos, sobretudo pela comunidade estudantil como um grupo de menor preconceito, contribuindo para uma experiência mais agradável com a vivência da própria identidade do que os demais ambientes.

Quanto aos aspectos de saúde mental, evidenciou-se a presença de ansiedade, tanto manifesta quanto inconsciente, nos relatos dos participantes, principalmente relacionada à invalidação de suas identidades por professores e pessoas em geral. Embora esperada, houve ausência completa de relatos envolvendo episódios depressivos, de pânico, entre outros. Supõe-se que isso se deva tanto à falta de *rapport* — considerando o encontro único na maior parte dos casos —, como a um aspecto transferencial, para evitar criar uma “imagem ruim” da não-binariedade, sendo uma população pouco contemplada em pesquisas. Evidentemente, as

perguntas não envolviam diretamente aspectos negativos com a própria identidade, tendo sido formuladas de maneira mais abstrata, para estimular a associação livre dos pacientes dentro dos moldes sugeridos, de acordo com o método FANI. Ainda assim, trata-se de um aspecto muito importante de ser averiguado, considerando a situação de vulnerabilidade psíquica em que as identidades LGBTQIAPN+ se encontram, e que deve ser contemplado em estudos futuros.

Os processos eufóricos apareceram de maneira mais sutil do que o esperado, presentes, principalmente, nas experiências positivas com a expressão da própria identidade, tanto a despeito como em decorrência de inteligibilidade entre a apresentação estética e social. Ainda assim, constatou-se de maneira evidente uma migração importante nos sentimentos associados à identidade em alguns casos, transitando de uma identificação marcada pela dor e o sofrimento para uma identificação prazerosa, em viver segundo suas vontades, seguro em suas convicções e ideais.

Também não foram trazidas críticas diretas a lacunas nas ações afirmativas presentes — exceto o relato de dificuldades quanto à retificação do nome —, embora experiências negativas relacionadas a elas tenham surgido, principalmente envolvendo desrespeito ao nome social e os pronomes de escolha por parte de professores. Sugere-se, em decorrência desses episódios, o enfoque em campanhas de conscientização e capacitação, principalmente voltadas à comunidade docente, para conhecerem melhor e aprenderem como lidar com esses aspectos dentro de sala de aula, considerando a crescente demanda e adesão por cotas trans nas universidades, assim como no estabelecimento de um canal de denúncias efetivo para eventos de discriminação.

Comentários acerca dos banheiros também apareceram menos do que o esperado. Ressalta-se, no entanto, a necessidade de ampliar a quantidade de banheiros universais, distintos dos banheiros adaptados a pessoas com deficiência, para que estas não sejam também prejudicadas, já que muitas vezes necessitam das adaptações estruturais oferecidas que não se encontram em demais banheiros para aliviar suas necessidades fisiológicas, realidade não necessariamente partilhada pelas pessoas TNB, que também são prejudicadas, mas em decorrência de aspectos sociais relacionados à gendrificação binária excessiva desses espaços.

Nenhum participante residia na moradia estudantil oferecida pela universidade, de maneira que aspectos específicos sobre as dificuldades de permanência estudantil enfrentadas por essa população não foram contemplados. Recomenda-se a exploração desses aspectos em pesquisas futuras, já que dificuldades na situação de moradia são experiência de parcela

significativa da população TNB mais vulnerabilizada, e que, infere-se, possuem impactos importantes na permanência estudantil.

O método FANI se mostrou muito adequado para a exploração proposta no estudo, provendo base para entrevistas interativas e engajadoras, assim como análises ricas a partir da perspectiva kleiniana proposta. Um aspecto observado foi de que, em contraste a Hollway e Jefferson (2008), respostas abstratas foram vistas como igualmente férteis para análise, considerando que evidenciam ansiedades claras no distanciamento da realidade, importantes em uma perspectiva kleiniana das clivagens e da negação da realidade persecutória (Klein, 1946/1984b). Como colocado por Klein (1952a/1984b), a transferência deve ser analisada não apenas quanto aos conteúdos trazidos pelo paciente/participante, mas, também, os evitados.

Os incrementos de perspectivas winnicottianas para a análise se mostraram também extremamente proveitosos, contemplando lacunas na abordagem kleiniana ou somente complementando de maneira produtiva, considerando tratar de outros aspectos das relações objetais pouco desenvolvidos na perspectiva original. De certo modo, a proximidade das correntes de pensamento facilitou essa integração, sem que houvesse grandes atritos teóricos.

Algumas perguntas poderiam ter sido melhor formuladas, pois contemplavam aspectos muito próximos a perguntas anteriores. De certo modo, isso se mostrou proveitoso em ampliar respostas curtas de alguns participantes, mas essa postura poderia ser realizada de maneira adaptativa, menos formalizada no instrumento.

Quanto à condução das entrevistas, foram fornecidos *feedbacks* majoritariamente positivos por parte dos participantes. Penso ter realizado um bom trabalho em fornecer um espaço seguro para os participantes explorarem seus relatos em uma atmosfera convidativa, amistosa e engajada. Houve apenas um equívoco em uma das entrevistas causado pela utilização da palavra “manutenção” quanto à relação cotidiana com a própria identidade, que causou um pequeno estranhamento por uma das participantes, já que, embora tenha utilizado com a intenção de “manter”, foi interpretado o significado de reparo, que trazia consigo uma conotação negativa. A questão foi imediatamente resolvida, no entanto, e não pareceu trazer impactos significativos para a integridade da relação entrevistador-entrevistado, já que a entrevista ainda assim se revelou muito produtiva.

## REFERÊNCIAS

AINSWORTH, C. Sex redefined. **Nature**, v. 518, n. 7539, p. 288–291, 2015.

ÁLVARES, C. **Freud: Édipo e castração**, 2010. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1822/13732>>

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (org.). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5**. 5ª ed. Arlington: American Psychiatric Association, 2013.

ANTRA. **DOSSIÊ ASSASSINATOS E VIOLÊNCIAS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS EM 2022**: Dossiê: Assassinatos e Violências contra pessoas Trans. Brasília, DF: 6.

ARÁN, M.; PEIXOTO JÚNIOR, C. A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, v. n. 28, p. 129–147, 2007.

ARCHARD, P. Psychoanalytically informed research interviewing: notes on the free association narrative interview method. **Nurse Researcher**, v. 28, p. 20-27, 2020.

AYOUCH, T. Da transsexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. **Percursos**, Exigências da clínica e da cultura à psicanálise. n. 54, p. 23–32, 2015.

BEAUVOIR, S. DE. **O Segundo Sexo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BELL, D. Projective identification. Em: BERNSTEIN, C. A. (Ed.). **Kleinian Theory: A Contemporary Perspective**. 1ª ed. Londres: Whurr Publishers/Wiley, 2009. p. 125–147.

BRONSTEIN, C. Technique and Interpretation in Klein. Em: BURGOYNE, B.; SULLIVAN, M. (Eds.). **The Klein-Lacan Dialogues**. 1ª ed. Nova York: Other Press, 1997. p. 37–43.

BRONSTEIN, C. (Ed.). **Kleinian Theory: A Contemporary Perspective**. 1ª ed. Londres: Whurr Publishers/Wiley, 2009.

BULAMAH, L. C.; KUPERMANN, D. A psicanálise e a clínica de pacientes transexuais. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 5, p. 73–86, 2016.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. **Undoing Gender**. 1ª ed. New York: Routledge, 2004.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 10, p. 413–420, 2005.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; AZEVEDO, H. V. P.; RAMOS, M. DE M. Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens Universitários. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 12, n. 2, p. 7-21, 2020.

COSTA, A.; BONFIM, F. Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto a. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 17, p. 229–245, 2014.

CREWE-KLUGE, S. Where Do You Go When You Go Home? Narrative Studies of Gender Euphoria. **Honors Papers**, 2021.

DE GARAY, A. A. Psicoterapia con perspectiva de género: Indagando posibilidades dentro del psicoanálisis contemporáneo. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 33, p. 118–136, 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; Tradução: J. A. Guilhon Albuquerque. 6ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017. v. 1

FREUD, S. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. v. VII

FREUD, S. Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. Em: **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. v. VII, p. 3–76.

FREUD, S. **Freud (1911-1913) - Obras completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos**. Tradução: Paulo César De Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10

FREUD, S. A Dinâmica da Transferência. Em: **Freud (1911-1913) - Obras completas volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos**. Obras Completas. Tradução: Paulo César De Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10, p. 84–93.

FREUD, S. **Freud (1923-1925) O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos**. 1ª ed. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2011. v. 16

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos**. Porto Alegre, RS: LP&M, 2016.

FULGENCIO, L. O método analógico em Freud. **Estilos da Clínica**, v. 11, n. 21, p. 204–223, 1 dez. 2006.

GOLDBERG, A. E. Higher educational experiences of trans binary and nonbinary graduate students. **Trans people in higher education**, p. 135–158, 2019.

HANSBURY, G. Mourning the Loss of the Idealized Self: A Transsexual Passage. **Psychoanalytic Social Work**, v. 12, n. 1, p. 19–35, 2005.

HANSBURY, G. King Kong & Goldilocks: Imagining Transmasculinities Through the Trans–Trans Dyad. **Psychoanalytic Dialogues**, v. 21, n. 2, p. 210–220, 2011.

HANSBURY, G. Unthinkable Anxieties: Reading Transphobic Countertransferences in a Century of Psychoanalytic Writing. **TSQ: Transgender Studies Quarterly**, v. 4, n. 3–4, p. 384–404, 2017.

HOLLWAY, W. Applying the ‘Experience-Near’ Principle To Research: Psychoanalytically Informed Methods. **Journal of Social Work Practice**, v. 23, n. 4, p. 461–474, 2009.

HOLLWAY, W.; JEFFERSON, T. **Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative and the Interview Method**. Londres/Thousand Oaks/Nova Délhi: SAGE, 2000.

HOLLWAY, W.; JEFFERSON, T. Free Association, Narrative Analysis and the Defended Subject: The Case of Ivy. **Narrative Inquiry**, v. 11, n. 1, p. 103–122, 2001.

HOLLWAY, W.; JEFFERSON, T. The free association narrative interview method. **The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods**, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNS - Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Orientação sexual autoidentificada da população adulta**. 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html>>. Acesso em: 4 jun. 2023

IPSOS. **Ipsos LGBT+ Pride 2023 Survey**. 1 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.ipsos.com/en/pride-month-2023-9-of-adults-identify-as-lgbt>>. Acesso em: 4 jun. 2023

JACOBSEN, K.; DEVOR, A. Moving from Gender Dysphoria to Gender Euphoria: Trans Experiences of Positive Gender-Related Emotions. **Bulletin of Applied Transgender Studies**, v. 1, n. 1–2, p. 119–143, 2022.

KLEIN, M. Early Stages of the Oedipus Conflict (1928). Em: **Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984a. v. 1, p. 186–198.

KLEIN, M. Weaning (1936). Em: **Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984a. v. 1, p. 290–305.

KLEIN, M. Love, Guilt and Reparation (1937). Em: **Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984a. v. 1, p. 306–343.

KLEIN, M. Mourning and its Relation to Manic-Depressive States (1940). Em: **Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984a. v. 1, p. 344–369.

KLEIN, M. The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties (1945). Em: **Love, Guilt and Reparation and Other Works (1921-1945)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984a. v. 1, p. 370–419.

KLEIN, M. Notes on Some Schizoid Mechanisms (1946). Em: **Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984b. v. 3, p. 1–24.

KLEIN, M. On the Theory of Anxiety and Guilt (1948). Em: **Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984b. v. 3, p. 25–42.

KLEIN, M. The Origins of Transference (1952a). Em: **Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984b. v. 3, p. 48–56.

KLEIN, M. Some Theoretical Conclusions Regarding the Emotional Life of the Infant (1952b). Em: **Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984b. v. 3, p. 61–88.

KLEIN, M. On Identification (1955). Em: **Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)**. The Writings of Melanie Klein. 1ª ed. Nova York: Free Press, 1984b. v. 3, p. 141–175.

LACAN, J. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957- 1958)**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LOSTY, M.; O'CONNOR, J. Falling outside of the 'nice little binary box': a psychoanalytic exploration of the non-binary gender identity. **Psychoanalytic Psychotherapy**, v. 32, n. 1, p. 40–60, 2018.

MARTINS, L. P. L. Sexualidade, gênero e identidade: questões para a psicanálise. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 22, n. 2, p. 215–237, 2019.

MARZULLO. Nikolas Ferreira vira réu após expor aluna trans de 14 anos em banheiro escolar de BH. **O Globo**, 21 set. 2023.

MONGELLI, F. *et al.* Minority stress and mental health among LGBT populations: an update on the evidence. **Minerva Psiquiátrica**, v. 60, n. 1, 2019.

NASIO, J.-D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

PORCHAT, P. Elementos para un psicoanálisis Queer. **Revista Gradiva**, v. VII, n. 2, p. 19–28, 2018.

PORCHAT, P.; OFSIANY, M. C. Quem habita o corpo trans? **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020.

PORCHAT, P.; SANTOS, B. Are We Safe Analysts? Cisgender Countertransferential Fantasies in the Treatment of Transgender Patients. **Psychoanalytic Review**, p. 411–431, 2021.

PRECIADO, P. B. **Yo soy el monstruo que os habla / I Am the Monster that Speaks to You: Informe para una academia de psicoanalistas / Report for an Academy of Psychoanalysts**. 1ª ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 2020.

REIS, N. DOS; PINHO, R. Gêneros Não-Binários: Identidades, Expressões e Educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7–25, 2016.

RICHARDS, C. *et al.* Non-binary or genderqueer genders. **International Review of Psychiatry**, v. 28, n. 1, p. 95–102, 2016.

RODRIGUES, A. C. DE C.; CAMPOS, C. P. DE S. Subjetividades contemporâneas: sexualidades, gêneros, parentalidades, famílias. **Revista Berggasse 19**, v. Vol. XI, n. 1, p. 102–115, 2021.

ROTH, P. The paranoid-schizoid position. Em: BERNSTEIN, C. A. (Ed.). **Kleinian Theory: A Contemporary Perspective**. 1ª ed. Londres: Whurr Publishers/Wiley, 2009. p. 32–46.

RUSSELL, S. T.; FISH, J. N. Mental Health in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender (LGBT) Youth. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 12, n. 1, p. 465–487, 2016.

SEGAL, H. **Introduction to the Work of Melanie Klein**. Londres: Karnac Books, 1988.

SILVA, E. P. DA. Determinação social da saúde e sofrimento psíquico na universidade: uma pesquisa com estudantes do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) do campus da USP de São Carlos. 2021. 164 f. Dissertação – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

SOUZA, V. P. DE; BLEICHER, T.; DINIZ, B. DE C. Saúde mental e vivências fora dos binarismos de gênero entre jovens estudantes de graduação. **Revista Diversidade e Educação**, v. 12, n. 1, p. 296–321, 2024. DOI: 10.14295/de.v12i1.17390.

SPIZZIRRI, G. *et al.* Proportion of people identified as transgender and non-binary gender in Brazil. **Scientific Reports**, v. 11, n. 1, p. 2240, 2021.

TACIT, S. **Joyful bodies, joyful minds: gender euphoria among transgender adults living in Canada**. 2020. Masters – Memorial University of Newfoundland, Saint Johns, 2020.

THORN, A. **I Emailed My Doctor 133 Times: The Crisis In the British Healthcare System**. Philosophy Tube, 11 nov. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v1eWishUzr8>>. Acesso em: 20 jan. 2023

WINNICOTT, D. W. Fear of breakdown. **International Review of Psycho-Analysis**, v. 1, p. 103–107, 1974.

WINNICOTT, D. W. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self (1960). Em: **O Ambiente e os Processos de Maturação**. 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 128-139.

WITTIG, M. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução: Maíra Mendes Galvão. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.

YOUNG, R. M. Phantasy and Psychotic Anxieties. Em: BURGOYNE, B.; SULLIVAN, M. (Eds.). **The Klein-Lacan Dialogues**. 1ª ed. Nova York: Other Press, 1997. p. 65–81.